

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa de Pós-Graduação em Letras

AGILSON DA SILVA

**RACISMO E VIOLÊNCIA NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO  
EVARISTO**

AGILSON DA SILVA

**RACISMO E VIOLÊNCIA NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
Stricto Sensu em Letras da Universidade de Passo Fundo  
- UPF - Porto Alegre, como requisito para obtenção do  
título de Mestre em Letras. Sob a orientação do Professor  
Dr. Gerson Luís Trombeta.

Passo Fundo  
2024

CIP – Catalogação na Publicação

---

S586r Silva, Agilson da  
Racismo e violência nos contos de Conceição Evaristo  
[recurso eletrônico] / Agilson da Silva – 2024.  
1.2 MB ; PDF.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Luís Trombeta.  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de  
Passo Fundo, 2024.

1. Literatura - Análise do discurso. 2. Racismo na  
literatura. 3. Negras. 4. Evaristo Conceição-1946-  
I. Trombeta, Gerson Luís, orientador. II. Título.

CDU: 82.09

---

Catalogação: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira – CRB 10/2427

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

**“Racismo e Violência nos Contos de Conceição Evaristo”**

Elaborada por

**Agilson da Silva.**

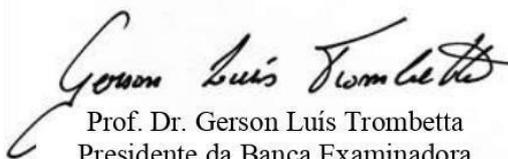
Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras – Projeto de Cooperação entre Instituições

- Minter FUPF/FCR, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de

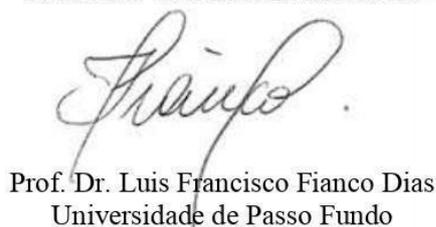
Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

Aprovada em: 18 de março de 2024.

Pela Comissão Examinadora



Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta  
Presidente da Banca Examinadora



Prof. Dr. Luis Francisco Fianco Dias  
Universidade de Passo Fundo



Prof. Dr. Frederico Santos dos Santos  
Universidade de Passo Fundo



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Stumpf Toldo Oudeste  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

A minha esposa Nelzelina, meus filhos Diego e Jorge Henrique, por sempre me apoiarem e incentivarem em todos os momentos da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ser minha fortaleza em todos os momentos de minha vida, por me dar forças para seguir em frente e lutar pelos meus objetivos.

Agradeço à minha família, especialmente aos meus pais, por sempre acreditaram nos meus sonhos, pelo amor e carinho com que me criaram, sempre me apoiando e motivando em todos os momentos da minha vida.

À minha esposa, Nelzelina, que sempre esteve ao meu lado compartilhando alegrias, incertezas e cansaço e, em especial, por sua compreensão perante as horas de convívio reduzido que foram dedicadas às atividades acadêmicas.

Ao meu orientador, Gerson Luís Trombeta, pela parceria, paciência para realização desta dissertação. Sua atenção, apoio, críticas e sugestões foram essenciais ao desenvolvimento deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo (UPF), com os quais tive a oportunidade de estudar, pela contribuição que deram à minha formação.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para que eu pudesse cumprir, da melhor maneira possível, mais essa etapa de minha vida, o mestrado.

## RESUMO

Este trabalho oferece uma análise crucial da sociedade contemporânea, com foco no preconceito racial e na violência enfrentada pelas mulheres negras e pobres. Ao destacar esses aspectos, traz à tona uma realidade muitas vezes negligenciada pela academia e pela sociedade em geral. A violência gradual e cotidiana contra essas mulheres é explorada minuciosamente nos contos examinados, fornecendo insights importantes sobre a experiência dessas comunidades marginalizadas. O estudo busca despertar uma reflexão sobre a necessidade de resistência e de não deixar cair no esquecimento a luta e a vivência da sociedade negra, especialmente das mulheres. Ao abordar essas questões, o trabalho contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e das injustiças enfrentadas pelas pessoas negras, além de oferecer subsídios para a formulação de políticas e práticas mais inclusivas e equitativas. O nosso objetivo foi analisar os elementos de racismo e violência presentes nos contos de Conceição Evaristo. Essa análise não apenas destaca a importância da literatura como ferramenta de reflexão e conscientização, mas também ressalta o papel fundamental da escola na formação dos indivíduos e na disseminação do conhecimento. Ao explorar a forma como o racismo e a violência são abordados na obra de Evaristo, buscamos mostrar a necessidade de promover a resistência cultural e fomentar o prazer pela leitura em diferentes contextos, especialmente no ambiente familiar. Além disso, ela ressalta a importância de políticas públicas que visem construir uma sociedade mais igualitária, abordando questões como educação, cultura e justiça social. Além disso, ao enfatizar o papel da família na resistência cultural e na promoção do prazer pela leitura, o estudo torna explícito a importância dos espaços familiares na formação das pessoas e na transmissão de valores e conhecimentos. A partir dos contos de Evaristo, busca-se estimular o desenvolvimento de discursos que promovam políticas públicas voltadas para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa. Essa abordagem multidisciplinar e engajada destaca a necessidade de ações concretas para combater o racismo e a violência, promovendo a conscientização e incentivando a construção de políticas que promovam a igualdade e o respeito à diversidade.

**Palavras-Chave:** educação; mulher negra; racismo; resistência.

## ABSTRACT

This work offers a crucial analysis of contemporary society, focusing on racial prejudice and violence faced by poor black women. By highlighting these aspects, it brings to light a reality that is often neglected by academia and society in general. The gradual, everyday violence against these women is thoroughly explored in the short stories examined, providing important insights into the experience of these marginalized communities. The study seeks to spark reflection on the need for resistance and not letting the struggle and experience of black society, especially women, fall into oblivion. By addressing these issues, the work contributes to a deeper understanding of the social dynamics and injustices faced by black people, in addition to offering support for the formulation of more inclusive and equitable policies and practices. Our objective was to analyze the elements of racism and violence present in Conceição Evaristo's short stories. This analysis not only highlights the importance of literature as a tool for reflection and awareness, but also highlights the fundamental role of schools in training individuals and disseminating knowledge. By exploring the way in which racism and violence are addressed in Evaristo's work, we seek to show the need to promote cultural resistance and encourage the pleasure of reading in different contexts, especially in the family environment. Furthermore, she highlights the importance of public policies that aim to build a more egalitarian society, addressing issues such as education, culture and social justice. Furthermore, by emphasizing the role of the family in cultural resistance and promoting the pleasure of reading, the study makes explicit the importance of family spaces in the formation of people and the transmission of values and knowledge. Based on Evaristo's stories, we seek to stimulate the development of discourses that promote public policies aimed at building a more egalitarian and fair society. This multidisciplinary and engaged approach highlights the need for concrete actions to combat racism and violence, promoting awareness and encouraging the construction of policies that promote equality and respect for diversity.

**Key Words:** education; woman black; racism; resistance.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>17</b>
<b>1 LITERATURAS: QUESTÃO DE PRINCÍPIO.....</b>	<b>17</b>
<b>Sobram as tiras / Cortinas do racismo.....</b>	<b>18</b>
<b>Literaturas: desconhecimento do aspecto feminino .....</b>	<b>29</b>
<b>A crise .....</b>	<b>32</b>
<b>Pintar para participar.....</b>	<b>46</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>49</b>
<i>A força de uma guerreira.....</i>	<i>49</i>
<i>A literatura numa vida tímida.....</i>	<i>51</i>
<i>O registro .....</i>	<i>59</i>
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>68</b>
<i>Uma volta, mais uma volta. Por que Maria?.....</i>	<i>68</i>
<i>No limite da vida e da morte: Quantos filhos Natalina teve? .....</i>	<i>72</i>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>

## INTRODUÇÃO

É importante dizer que para termos um leitor, é necessário que haja uma interação, entre a pessoa que lê o texto e o texto, uma espécie de emoção baseada no prazer, na identificação e na liberdade de interpretação. É necessário também, que haja esforço e este se justifique na importância desta paixão estabelecida. Aqui nos interessa, a motivação estética, que refere-se a essa forma de arte feita de palavras, a qual denominamos de Literatura. De qualquer forma é possível insistir na versão de que a literatura pode ser também uma forma de pensar a vida e o mundo, conforme as emoções despertadas em nós, ao lermos os contos de Conceição Evaristo.

A compreensão do texto por meio de sua leitura crítica, implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, nos sentimos levados a “reler” momentos fundamentais de nossa prática, guardados na memória, as experiências mais remotas da infância, da adolescência, da mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler que em mim foi construída.

Me considero parte deste trabalho pela relação que tenho com o viver de Conceição Evaristo.

O nascimento é algo incrível, do ponto de vista da velhice, nesse trecho traço um perfil de uma trajetória de altos e baixos, eu diria um baixo não tão complexo. “Burarama”, um distrito de pouco mais de mil moradores, me identifico como pessoa desse local, o nascimento de uma vida que hoje gostaria de deixar escrita. Um local que no início era de difícil acesso, longe das grandes cidades, embora alegre, localizado entre pedras, pedras enormes, que em determinados momentos, não permitia a chegada da luz do sol o dia todo. Morava com a minha família num recanto, ao pé de uma dessas pedras, nossa casa construída de madeira, não trabalhada aos moldes de hoje, mas, cortada por traçador (um grande serrote) um trabalho monumental. Essa casa estava posta em cima de uma pedra, pois os espaços eram poucos, em virtude da grande quantidade de pedras. Linda paisagem, a água escorria pelas lajes, e formava algumas pequenas poças, onde tomávamos banho e nossa mãe usava para lavar as roupas e utensílios de cozinha (tínhamos poucas coisas). Uma família de oito pessoas, não faltou comida, mas havia ali o sacrifício do trabalho árduo, notável no rosto de meu pai e irmãos, que trabalhava de sol a sol, mas não conseguiam cumprir aquelas tarefas determinadas pelo patrão. Não tínhamos posse de terras, pois não havia nenhuma possibilidade de isso acontecer para os meeiros naquele local. Na verdade, eram gerações inteiras sentindo a dor de não possuir a terra que produz o alimento e entender que posse era para poucos.

Minha pequena Burarama, colonizada por descendentes de italianos, que se apossaram de toda uma área de terras há mais de cem anos, apesar de ali já estarem os negros trabalhando esta terra, não como donos, mas como meeiros (trabalho executado para dar aos patrões 50% de toda e qualquer produção feita por eles). Negros advindos de várias partes do Brasil, fugindo do regime da escravidão, na época, ainda menor de idade, não entendíamos tamanha crueldade, como dar o seu suor a alguém em troca do mínimo, e a voz que imperava era apenas dos brancos, dos patrões?.

Naquele pequeno local, todos os brancos eram posseiros e todos os negros eram os trabalhadores, sem acesso à liberdade. Não tinham liberdade educacional, pois os negros, naquele espaço, só tinham direito a cursar apenas os quatro primeiros anos do ensino fundamental. Minha irmã, vítima deste passado, foi a que primeiro conseguiu a aprovação para cursar o segundo ciclo, um espanto generalizado por essa conquista. Mas como?!!!

A sintonia do texto, seja por um acaso, ou por uma coincidência, a história que vivemos e aqui escrevemos, intertextualiza-se com a vida vivida por Conceição Evaristo na extinta favela do Pindura Saia. Acredito que a nossa luta está entrelaçada por muitos pontos, por pertencermos a raça negra, por sofrermos os mesmos olhares e preconceitos, por apesar dos momentos ruins, cultivarmos os tons alegres.

Me criei num sistema rígido, por meus pais entenderem que só o trabalho poderia tirar as pessoas do anonimato e torná-las pessoas melhores. Não podia brincar muito tempo na rua e devia ir sempre a igreja, a escola era um dever a ser cumprido.

A comunidade de Burarama era um espaço geográfico em que a maioria das pessoas que residiam lá, aderiram às questões agrícolas e optando pelo o café, como principal atividade, em segundo viria a cana para produção de cachaça, a cana era símbolo do processo escravocrata, e que se fazia presente em todos os arredores inclusive em alguns quilombos.

Aos dez anos de idade, comecei a perceber o quanto o preconceito racial está arraigado no Brasil. Percebi isso quando não era aceito para exercer certas atividades, como exemplo, ducacionais, visto que todos os professores eram brancos-italianos, e os colegas zombavam e me achavam desinteressante para ocupar espaço na vida diária deles.

Outra lembrança marcante na minha memória é a ausência da presença dos patrões, filhos, netos, nas casas dos seus meeiros, eles não nos visitavam. Só o meu pai podia ir à casa do patrão, quando precisasse levar alguma informação ou fazer algum pedido. Minha mãe, seguiu analfabeta, as mulheres não tinham permissão dos pais para irem à escola, somente à igreja, pois mulheres “eram para servir ao marido e cuidar dos filhos”.

Está vívido em nossa memória, que em casa, insistimos pelo letramento de nossa mãe,

certa época, levamos-na para as aulas do “Mobral”, onde aprendeu a assinar o próprio nome. Infelizmente, com grande quantidade de afazeres, desistiu. E o meu pai, assinava apenas o nome, mas, se tornou um grande leitor da Bíblia, me orgulhava dele pelas explicações acerca dos livros sagrados, a desenvoltura com que fazia as explanações. Hoje todos os alunos me perguntam se sou pastor, digo não, aprendi a falar assim, com o meu pai.

Para manter o sustento da família, ele não escolhia trabalho, participou até da construção da estrada de ferro próximo ao Rio de Janeiro no cumprimento do dever de manter o sustento da família.

Tive muitas dificuldades para ler e falar, pois eu era “gago”, não parece, mas foi um imenso obstáculo a ser transposto por um longo tempo de minha vida. Percebi que devia vencer as dificuldades, pois entendi a necessidade de superar a gagueira, e com muita coragem vencer sozinho a batalha. Treinei o comportamento vocal vencendo a primeira barreira. Enfrentar a discriminação e entender que o meu comportamento deveria ser reto e não mudar em virtude dos fatos, na convivência com a natureza dos colegas brancos não me derrubou, tinha concepção de que precisava enfrentar o preconceito. Na escola, procurava os locais menos povoados, com receio de sofrer abuso racial, meu discurso era pouco conhecido, pois ouvia mais o que falavam e pensava a respeito, mas dificilmente respondia às calúnias. Apesar da revolta, consegui dispor, daqueles momentos de neutralidade necessários, para não "comprar brigas".

Sempre trabalhei com os meus pais, sendo o caçula, ajudávamos muito à minha mãe, pois minhas duas irmãs, trabalhavam como domésticas para os italianos e dificilmente podiam estar em casa. Aprendi a cozinhar, lavar, passar, até aos 13 anos, os outros irmãos não, em virtude do trabalho no campo. São valores que viriam fazer grande diferença no meu futuro de jovem negro, especialmente em Burarama.

Todavia, a escola existente em Burarama era de ensino fundamental, e aos quatorze anos, fui para uma cidade distante, quarenta quilômetros de minha cidade, a famosa Cachoeiro de Itapemirim, terra de Roberto Carlos, de Rubem Braga... Realidade nova para o garoto tímido, negro, que nunca, se quer, passara por ali, e agora seria a sua moradia. Não me acostumei à aquele universo desesperador sem a minha família por perto, me sentia sozinho, faltava a comida pronta, o café, as tarefas da roça, o campo de futebol no final de semana, os banhos de rio ao final da tarde. Tudo isso agora ficaria um pouco para os dias em que estivéssemos em casa. Tive vontade de desistir, mas era pobre e precisava enfrentar a realidade da vida e progredir para ajudar os que ficaram em casa.

Iniciamos os estudos no “Liceu”, escola grande, centenas de alunos, e ao final do

primeiro ano tínhamos que escolher um curso técnico para prosseguir, e como eu não sabia matemática e sempre ficava de recuperação e contava com a ajuda de minha prima, que mais tarde se tornou freira comboniana, e se encontra em um país da África Central, por nome de “Chade”, e só a vejo a cada dez anos, quando vem ao Brasil.

Os nossos pais, também tinham a concepção de que os filhos, não poderiam pensar em profissões de prestígio como médico, engenheiro, advogado ... O meu pai me disse que eu deveria estudar mecânica, e porque não direito?! E assim, fiz a minha matrícula no Senai, no curso de Desenho Técnico Mecânico, que conclui após um ano e meio, mas ao mesmo tempo, cursava no ensino médio, o Técnico em Contabilidade, mesmo tendo dificuldades em matemática.

Mas, para compensar, me destacava no futebol, e em atletismo, isso me entusiasmava para continuar na grande Cachoeiro, onde permaneci por três anos e não conclui o curso pois, precisei retornar para minha família devido a questão premente: o trabalho. Meus pais, ao constatar o pouco resultado do árduo trabalho e percebendo a idade avançar, decidiram conhecer o outro lado do Brasil.

Meu pai viaja e conhece Rondônia, mas não tinha noção do que enfrentaríamos. Por duas vezes ele esteve em viagem, e decidiu que iríamos para aquela terra distante e mudou-se no mês de setembro, então, decidi que eu terminaria o ano letivo, e que me buscaria ao final do ano.

A mudança se tornaria produtiva anos depois. Quando entrei para a carreira profissional na educação (professor), pude sentir na pele, o desprezo à minha raça, a distância que as pessoas mantinham de mim, mas nunca hesitei em disputar espaço.

Fui confundido com o porteiro da escola por várias vezes, você dá aula de quê? Na igreja tive problemas por um tempo. Mas, foi na universidade que iniciei a minha libertação, por meio do estudo, do conhecimento. Começo a me apresentar como uma pessoa despida do preconceito que até aquele momento, tentaram me impingir.

Agora, esse eu, Agilson negro, me tornei uma pessoa com pensamento próprio e direção, já conhecedor das ações do Movimento Negro, participante das ações afirmativas no Estado, participante da formação do plano de carreira, onde defendi como delegado a formação de carreira dos professores para Mestrado e Doutorado. Hoje, me sinto lisonjeado, por estar desfrutando do resultado de uma conquista que iniciei a luta.

Justificamos a confecção deste trabalho sobre racismo e violência como uma denúncia, por meio da literatura, das experiências vividas por mim. Como base teórica, utilizamos uma autora que, em sua narrativa, constrói um profundo apreço pela desconstrução dos elementos que desafiam

a sociedade brasileira, principalmente o racismo atrelado à violência. Consideramos o fato de que Conceição Evaristo se posiciona como mulher negra que escreve e discute a condenação da mulher negra, primeiro por ser mulher, segundo por ser negra e, terceiro, devido à sua classe social.

Neste trabalho, foram construídos, a partir das leituras indicadas abaixo, conceitos relacionados à leitura literária, de maneira pormenorizada, e as formas de violência e racismo vivenciadas pela autora em destaque, assim como por mim.

Como teoria de base para a pesquisa utilizamos Conceição Evaristo (2005) que discorre sobre o racismo e a violência contra a pessoa negra, com os contos, Evaristo (2011), *Insubmissas Lagrimas de uma Mulher*; Evaristo (2015), *Quantos Filhos Natalina Teve?* e Evaristo (2016), *Olhos d'água*. Como complemento, utilizamos Literaturas Secundárias dos autores a seguir: Azevedo (2004), que discorre sobre o lugar do negro nos espaços da sociedade; Cruz (2009), que faz um panorama contemporâneo da violência; Regina (2008); que registra os estereótipos raciais nos estudos de literatura contemporânea e Vygotsky (2003) que discute com muita intensidade a formação social da mente do indivíduo para as questões sociais, Todorov (2010), Cândido (2006), Rojo (2012), que discutem a leitura literária; Santos (2007), nos traz conceitos que explicitam a forma com que esses elementos são construídos e Freire (1989), com a obra "A importância do ato de ler".

Destacamos temáticas relevantes sobre temas que ao longo do período colonial, até os dias atuais, são recorrentes, Davis (2019), Domingues (2005), Fernandes (2008), Gonzáles (1982), Mtchoud (1989), escrevem sobre a mística do negro nos ambientes onde não havia respeito.

A escola, em seu conjunto de competências e variadas habilidades, concentra-se no letramento e nos multiletramentos, focando na necessidade de construir integralmente o desenvolvimento cognitivo e emocional do aluno. Conforme Rojo (2012), é preciso criar recursos ou dispositivos para que o sistema educacional se debruce sobre novas propostas para a educação, especialmente no que diz respeito à leitura e escrita de qualidade. Carneiro (2011), Lourenço (1996) e Massando (2002) também oferecem suas contribuições. O referencial teórico perpassa os caminhos da leitura e da literatura, além de documentos que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, como: "Brasil no Pisa" (2015) e a "Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Social" (2015).

Somam-se a esses, outros autores que nos trouxeram recortes sobre os demandas da causa vivenciada pela autora.

A dissertação aqui apresentada, é resultado de uma pesquisa exploratória, cujo objetivo é:

- a) identificar nos contos “Olhos d’água, Insubmissas Lágrimas de uma mulher e Maria e quantos filhos Natalina teve?”, da escritora Conceição Evaristo, os efeitos que os elementos de violência racial contra a mulher causam na sociedade;
- b) mostrar a relevância da literatura dentro dos contos, trabalhando nos textos, a organização e funcionamento da educação escolar de mulheres em situação de violência;
- c) apontar os impactos da violência e do racismo, na experiência emocional de negros que de forma menos progressiva não conseguem a relativa ascensão social.

Este estudo se dedica à análise da decadência da instituição da escravidão no Brasil, com um foco específico nos anos 80, visando compreender os intricados fenômenos sociais e políticos que influenciaram esse período crucial. Exploramos a transição da condição de escravidão para a conquista da liberdade pelos negros, destacando os movimentos que bravamente denunciaram e confrontaram a persistente discriminação racial."

Esses movimentos não apenas evidenciaram a injustiça e a opressão enfrentadas pela população negra, mas também destacaram a exclusão sistemática que os negros enfrentavam em diversos aspectos da vida social, como no mercado de trabalho e na estrutura familiar. Esta pesquisa visa não apenas iluminar essas questões, mas também reconhecer o papel vital que os negros desempenharam e desempenham na construção do Brasil. O trabalho está organizado em quatro capítulos.

O primeiro, discute a literatura como problema de pesquisa no Brasil, apresentando o panorama do discurso no ensino da literatura. Os problemas advindos da educação escolar, o não esclarecimento das questões de racismo e de violência são expostas nos contos de Conceição Evaristo.

Justificamos o nosso estudo bibliográfico destacando que a literatura, especialmente a leitura de literatura contemporânea, deve ser trabalhada com os alunos desde o primeiro momento de interação com a leitura. Apenas dessa forma formaremos leitores que compreenderão o texto lido, desenvolverão consciência social e farão uma leitura crítica do mundo. Este estudo é importante para a academia, pois serve de base para atualizarmos os procedimentos e compreendermos o que pode ser realizado enquanto ciência no desenvolvimento do conhecimento sobre o problema do racismo e da violência.

O segundo capítulo discute a criatividade da escritora em relação aos magníficos contos a serem trabalhados nesta dissertação. Por que uma guerra? Essa mulher, que é perseguida por uma

história de colonização, não tem vida própria, precisa sofrer as dores da perda de seus filhos e se submete ao domínio dos homens. A escritora revela a genialidade de expressar a dificuldade de ser mulher nos grandes centros, na periferia e no campo. Em vários momentos, a escritora oferece ao leitor uma visão realista dos caminhos enfrentados por essas mulheres. Ela não se deixa abater, mas encoraja a mulher negra a construir liderança dentro do seu próprio espaço.

O terceiro capítulo apresentará ao leitor desta dissertação um panorama dos contos a serem trabalhados. Desta forma, ele está dividido em duas partes: a primeira apresenta trechos dos contos; a segunda, tece uma análise dos problemas trazidos pela autora e como os teóricos abordam essa discussão sobre a violência e o racismo enfrentados pela mulher negra na sociedade em geral.

O quarto e último capítulo apresentará as considerações finais, postulando uma retomada e um breve apanhado do percurso da mulher negra no contexto social, político e econômico. Além disso, tecerá comentários sobre o valor de pesquisas científicas que possam trazer subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas inclusivas e eficazes, que valorizem o potencial da população mais sofredora, especialmente das mulheres negras.

O capítulo também destaca a importância de abordar os estereótipos do sofrimento social de forma produtiva nas escolas e nas famílias, contribuindo para aumentar a visibilidade do fenômeno estudado.

## CAPÍTULO I

### 1 LITERATURAS: QUESTÃO DE PRINCÍPIO

A população negra, durante séculos de racismo, foi constantemente excluída dos espaços de poder e de discurso, como lembra Regina Dalcastagne (2008). Isso é evidente nos espaços da mídia, nos setores sociais, políticos e de entretenimento, onde a classe negra é marginalizada devido à sua cor.

As instituições escolares, tanto no passado quanto no presente, não possuem um número significativo de professores negros. Segundo o IBGE, 56,1% da população brasileira se autodeclara negra, mas apenas 16% estão nas universidades públicas. Esses dados ressaltam a necessidade urgente de discutir a representação dos negros nos espaços públicos, especialmente na educação.

No Brasil, não existe uma política pública eficaz para a erradicação da discriminação racial, mas parece existir uma política implícita que empurra os negros para as favelas, para as drogas, para os homicídios e para as prisões.

Esse retrato negativo da população negra está enraizado na base do país e se reflete em tudo o que vemos nos livros. A ausência de representatividade reforça a estrutura social que considera os negros inferiores aos brancos. O discurso racista persiste, como menciona Dalcastagne (2008, p. 87-110), na formação de personagens em novelas e outras mídias. O protagonismo negro na televisão começou a se tornar mais visível apenas em 1996, com mulheres negras finalmente alcançando papéis principais. Uma atriz negra revelou: "Era o que esperávamos a vida toda; achávamos que não era possível, achávamos que isto não existia". A questão levantada por essa frase é: as meninas e meninos negros não tinham essa expectativa porque o que viam era a exclusão.

A falta de oportunidades para a população negra gera enormes prejuízos para a nação. A autora nos leva a refletir sobre o campo literário, onde a representatividade negra é escassa e, quando presente, muitas vezes estereotipada. A literatura escrita por autores negros frequentemente precisa ser "fantástica" para ser aceita. Machado de Assis, por exemplo, muitas vezes passa despercebido por sua cor, e muitos alunos da educação básica desconhecem a importância da sua raça para a cultura brasileira.

Segundo Hooks (2004), a indiferença aos homens negros, que eram vistos como desprovidos de habilidades intelectuais, simboliza a visão capitalista de que os negros eram apenas um amontoado de lixo. Não havia correlação entre a habilidade de uma pessoa para

pensar, processar ideias e seu nível de escolaridade. Homens negros bem-educados aprenderam a se comportar como incultos, iletrados e ignorantes, pois um negro inteligente corria o risco de ser punido (Hooks, 2004, p. 678).

A crença nos valores imperialistas, que consideravam que os negros não precisavam de escolarização, apenas de força física, ainda persiste. A formação educacional dos negros era, e muitas vezes ainda é, desmotivada, apenas preparando-os para servirem aos capitalistas brancos.

Em várias ocasiões, homens negros descreveram como foram punidos nas escolas por se atreverem a questionar e pensar. Essa estratégia, utilizada por educadores do passado e possivelmente ainda hoje, visa impedir o contato com a própria raça e limita-se a apresentar a obra literária sem contexto.

O melhor que eu deveria fazer era calar a minha boca e ser grato à escola que tinha sido digna em dar livros a todos nós. Em várias outras vezes, quando nos contam suas histórias de vida, homens negros descrevem que foram punidos nas escolas porque se atreveram a questionar e a pensar (Hooks, 2004, p. 678).

A proporção de personagens negros na literatura é pequena e, quando presentes, geralmente são retratados em ocupações subalternas. O branqueamento do indivíduo muitas vezes leva a uma melhoria gradual de sua condição social, mas não elimina sua cor negra, conforme abaixo:

[...] a ausência de personagens negras na literatura não é apenas um problema político, mas também um problema estético, uma vez que implica na redução da gama de possibilidades de representação". Usar um "modelo" branco e fazer dele uma personagem branca (como no filme *O Homem que Copiava*, por exemplo, onde o ator negro Lázaro Ramos atua no papel de uma personagem que poderia ser branca) não resolve, porque ser negro numa sociedade racista não é apenas ter outra cor, é ter outra perspectiva social [...] outra experiência de vida, normalmente marcada por alguma espécie de humilhação (Dalcastagné, 2008, p. 97).

Enfim, a questão é profundamente sociopolítica. Os direitos humanos são frequentemente ignorados, e o deboche é muitas vezes ovacionado pelos brancos. Dentro deste parâmetro, as denúncias de racismo muitas vezes se tornam apenas mais um documento nos arquivos do Ministério Público, não por negligência, mas por falta de respaldo na legislação. O código penal necessita de reformulações nos aspectos políticos e sociais.

### **1.1 Sobram as Tiras / Cortinas do Racismo**

Hoje, no Brasil, de acordo com Dalcastagné (2008), começa-se a assumir a responsabilidade de ser negro, a tornar-se negro não apenas pela cor, mas pela vida, pelo trabalho e, acima de tudo, pela identidade. O processo de conscientização do branqueamento

faz com que o negro queira substituir os hábitos sociais e ancestrais, o que permite uma condição de desfrutar-se do universo negro. Declarar-se negro passa por um processo difícil, que envolve tempo, adaptação e superação de etapas e desafios em direção a direitos e acima de tudo, identidade.

Neste desenvolvimento da identidade negra, ocorrem movimentos de apagamento da história da população negra no Brasil. A literatura, em um aspecto social e crítico, trabalha na contramão de grupos que se aproveitam desse colorismo para inibir o interesse pela leitura da literatura negra. Enquanto isso, os sistemas de difusão em massa promovem a discussão sobre as questões voltadas ao declínio do racismo.

A construção social a que essas pessoas são expostas diariamente é contextualizada pela imagem dos moradores das favelas e seus embates com a polícia. A autora menciona que os negros precisam se esconder para não serem mortos. Nesse contexto, os relacionamentos sociais, familiares e amorosos são afetados. Às vezes, um garoto negro se interessa por uma garota branca na esperança de que seus filhos sejam tratados de forma diferente. Isso pode causar confusão nas crianças, que não sabem como se autodeclarar, dificultando mais tarde a busca pelo protagonismo negro. Dalcastagné revela (2008)

[...] o relacionamento do valor da experiência e da manifestação desta experiência por negros, trabalhadores. A literatura é um espaço privilegiado para tal manifestação, pela legitimidade social que ela ainda retém. Ao ingressarem nela, os grupos subalternos também estão exigindo o reconhecimento do valor de sua experiência na sociedade.

Ao discorrer sobre o texto literário, é preciso observar os sentidos das palavras, a literalidade, o texto literário e a qualidade estética. Salientamos que, ao ler, a literalidade não está no texto em si, mas em como o leitor interpreta a leitura. Um mesmo texto pode ganhar diversos sentidos dependendo da forma como a nossa imaginação o distingue, como exemplo, uma carta ou um canto.

O leitor tende a explorar as inúmeras possibilidades para encontrar a melhor interpretação e, assim, preparar o presente. Afinal, o texto literário provoca um tipo específico de leitura. É importante refletir sobre “o que é literatura”. De forma bastante usual, entendemos o termo como o modo e os elementos que o artista utiliza para criar uma realidade, seja ela fictícia ou real.

Podemos perceber que nem todo texto literário fará uso de melhorias da linguagem. Contudo, verifica-se que nem toda ficção é literária e, certamente, nem toda literatura é ficção. Há uma busca intensa por parte do leitor para adquirir padrões básicos para essa visão, ou por conta da exigência de que um texto tem, de se relacionar consigo mesmo. Através dessa dúvida no contexto da descoberta sobre o que é ou não literatura, surgem grandes controvérsias. De

acordo com o ranking, nem sempre um texto é considerado literatura rotineira, assim como a rima e as figuras literárias. Isso provoca no leitor uma extrema insegurança no contexto da leitura, pois, ao longo dos estudos, muitas vezes tem-se a impressão de estar distante do texto literário.

Somando vários conceitos à literatura, ela se torna um abrigo para responder às questões dos leitores sobre sua formação aparente. Portanto, um texto literário se apresenta não apenas pelas suas características internas, trazido pelo autor para impressionar o leitor, mas também pela impressão do público, composto por aqueles que trabalham com grandes análises críticas, e neste contexto, e o público escolar (alunos) que utiliza o texto literário como suporte para mudança de comportamento social, político e crítico.

O desejo de definir um conceito claro para a literatura surge da necessidade de muitos, como os alunos mencionados acima, de não questionar constantemente seus fundamentos e aplicações. A literatura é universal e eficiente, transcendendo o contexto histórico e cultural. Diferente da medicina, onde o médico não precisa questionar a existência de um órgão, pois este é um fato concreto, a literatura requer uma resiliência nos processos e valores que tornam o texto uma obra consagrada.

Além disso, reciclando fatores que moldam a existência desse diálogo, a interação com a importância dos autores, a visão do mercado e o aspecto cultural ocorrem em conjunto com os critérios que a crítica exige. Esses devem estar alinhados aos anseios da sociedade e ao cuidado com o texto literário.

O desejo de ter um conceito declarado para a literatura é que, para muitos, como citado acima (alunos), ela não questione os atos e suas aplicações, visto que é algo universal e tão eficiente, não se restringindo apenas ao contexto histórico e cultural. Ao contrário da medicina, onde o médico não precisa questionar a existência de um órgão, pois é algo natural e concreto, há uma resiliência nos processos e valores que tornam a obra literária de certa forma consagrada. Isso envolve a reciclagem de fatores que moldam a existência deste diálogo, a interação com a importância dos autores, a visão do mercado e o aspecto cultural, que ocorrem junto aos critérios que a crítica exige que estejam inerentes aos anseios da sociedade, com o devido cuidado com o texto literário.

Neste caminho da leitura literária, retomando definições anteriores, ela traz um aprimoramento, acreditamos, que torna as pessoas diferentes, pois conseguimos nos conectar com os acontecimentos e com o sentimento do outro. Em muitos momentos, tornamo-nos mais justos frente aos problemas, aprendendo a refletir sobre situações que os não leitores literários não são levados a reconhecer em suas leituras, que por simples viés são leituras já determinadas.

Podemos tomar como exemplo numa comunidade escolar: não é difícil caracterizar o estilo literário do oponente, visto que a visão diante da realidade social e humana, o jeito, a forma com que aborda o texto, se torna contundente.

Neste caminho da leitura literária, repondo definições anteriores, ele traz um aprimoramento, acredita-se que torna as pessoas diferentes porque conseguimos nos conectar com os acontecimentos e com o sentimento dos outros.

Às vezes, na observação dos leitores não literários, eles buscam se satisfazer com figuras ou imagens não complexas, querendo dizer, lendo o primeiro capítulo, conseguimos organizar o final da história; tornando este conhecimento uma saída fácil para as frustrações do dia a dia. Assim, para não estar sempre caindo em situações embaralhadas, é útil combater essa busca por meio de leituras de maior valor, que dêem a oportunidade de forçar a busca por experiências mais formais e que façam o leitor voltar ao texto para rever trechos que lhe deem maior consistência para o questionamento. Além disso, os críticos e intelectuais nem sempre acenam de forma positiva quando o fato é mostrar a literalidade do texto, de certa forma, quando diante de suas características e num processo de elaboração.

A própria conduta de leitura traça um panorama dessa importância para a sociedade do ato de ler, e nesse espaço podemos observar que toda e qualquer leitura pode satisfazer o prazer do leitor. Assim, o fator leitura está ligado inclusive à classe baixa, pois há crenças de que o conhecimento de que eles precisam pode ser obtido apenas pela função oral, ou talvez porque ter leitura não terá utilidade, então sempre vão estar nesta posição. Observamos que as camadas mais populares, em sua maioria negros, não tinham acesso à leitura; no entanto, a leitura da Bíblia era a mais próxima, pois outros textos não eram adequados. Com certeza estão enganados, pois quem lê um livro, lerá outros e, em um determinado momento, fará outras leituras e a discussão não se absterá da criticidade.

Na história da leitura literária, observamos que um grupo sempre ficou à margem por ser aquele que tinha que cuidar dos filhos, da casa, do marido, enfim, dos afazeres diários e outros trabalhos: as mulheres. Acompanhando o movimento de ascensão da mulher, as mulheres negras não foram incluídas no processo escolar desde cedo; eram governadas pela imaginação e inclinação ao prazer.

A literatura foi conhecida por essa parcela da sociedade por muito tempo na história, e mesmo após esse período, via-se nas mulheres um perigo em relação à leitura literária, pois acreditava-se que isso as corromperia, especialmente se lessem romances e se envolvessem com más companhias. Com o passar do tempo, essa literatura passou a ser obrigatória nos currículos escolares. Para muitos intelectuais, a literatura corrompia o gosto e podia levar a um

pensamento moral condenável, já que possibilitava aprender coisas não tão recomendáveis e interferir nos valores morais.

Durante um período de trabalho com a formação de leitores, observamos que estávamos presos não aos aspectos da leitura, mas sim aos do sistema escolar, e assim não estávamos considerando o interesse dos alunos pela leitura de textos literários. No entanto, cada sistema de governo imprime suas próprias decisões sobre a leitura.

O Brasil superou um período crítico, conforme observado por Nascimento (2018), em que o cerceamento da leitura durante a Ditadura Militar resultou em uma lacuna imensa na produção literária brasileira. Durante esse período, não se promovia a leitura de nenhum gênero. Ao contrário do passado, os alunos agora são incentivados a ler romances antigos, que antes eram desconsiderados perniciosos. No entanto, muitas leituras são criticadas pela mídia, que enfatiza todo tipo de preconceito, e isso se reflete nas narrativas literárias. Além disso, a televisão é frequentemente criticada por ser uma perda de tempo, e as redes sociais também são condenadas por não estimularem ou por apresentarem conteúdos não tão harmoniosos.

Tornar-se um bom leitor, capaz de avaliar a qualidade de uma obra, é um processo que demanda tempo, reflexão e socialização. A literatura não pode ser aprendida rapidamente. Surge, então, a questão: literatura, é alimento ou necessidade? Um dos principais debates gira em torno da importância de conhecer e reconhecer o valor da literatura.

Na escola, a leitura literária pode ser comparada a um lanche diário aguardado com ansiedade pelos alunos, ansiosos para sair da sala de aula e desfrutar desse momento. Essa alimentação literária ocorre em diversos espaços, desde as ruas até os recantos mais diversos, onde todos esperam serem nutridos por algo que não apenas sacie sua fome, mas também satisfaça seus desejos. No entanto, a literatura é mais do que isso; é uma busca incessante pelo conhecimento que se esconde por trás do mundo criado pelo autor, ou imaginado por quem lê, transmitido ao longo do tempo através de histórias e narrativas.

O autor abaixo, corrobora essa ideia ao afirmar:

Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição de bens (Cândido, 2011, p. 171).

A prática de marginalizar o processo literário não é fácil, especialmente diante da prevalência da crença de que as necessidades materiais têm maior importância do que a imersão na literatura. Ao longo da evolução da civilização, desde as revoluções até as grandes guerras e o advento do universo tecnológico, testemunhamos inúmeros avanços. No entanto, no Brasil, o que nos incomoda é a voracidade do capitalismo, que prioriza a busca por bens materiais,

excluindo o trabalhador da riqueza que é construída e, simultaneamente, negligenciando a riqueza literária.

O protagonismo da leitura promove debates, envolvimento e tentativas de combater essa vergonha inerente ao contraste capitalista que suprime a literatura. Mas, a influência de autores que transcenderam as narrativas das revoluções, traz à tona, a importância dos sentimentos e dos movimentos que enfatizaram o compromisso com a leitura, o ensino e a reflexão para enfrentar os desafios do presente.

Cândido nos lembra de um passado recente em que a priorização da literatura era tratada de maneira sarcástica, como se fosse desnecessária para as camadas mais pobres da sociedade. Ele descreve esse cenário com ironia, citando crenças como "que haver pobres é a vontade de Deus, que eles não têm as mesmas necessidades dos abastados, que os empregados domésticos não precisam descansar que só morre de fome quem for vadio, e coisa assim" (Cândido, 2011, p. 173).

Considerando essa observação, Cândido destaca que as camadas mais baixas, especialmente os negros, desde a colonização até a abolição da escravatura, não tiveram oportunidades de acesso à leitura literária. Mesmo após a libertação, essa liberdade é obscurecida pela falta de integração na sociedade, especialmente no que diz respeito à literatura.

A distinção entre pobres e ricos, muitas vezes associada à cor da pele, era evidente na época em que os empregados domésticos trabalhavam incansavelmente, sem folga, para atender às demandas dos abastados. Enquanto os ricos desfrutavam de uma variedade de desejos que precisavam ser atendidos por esses empregados, os pobres enfrentavam condições de trabalho extremamente árduas:

Desde a escravidão até os dias atuais, alguns homens negros têm estado na vanguarda dos esforços que os afro americanos têm realizado para adquirir educação em todos os níveis. Em fins do século XIX e começo do século XX, qualquer homem negro que procurasse passar da escravidão para a liberdade via a educação como uma saída (Hooks, 2004, p. 678).

A busca pelo empoderamento reflete a angústia vivenciada pelos negros no Brasil, que testemunhavam o avanço da cultura branca e temiam ser eventualmente dizimados em massa. Diante desse cenário, a educação se tornou uma válvula de escape para tal sofrimento, especialmente influenciada pela escolarização americana.

No entanto, na atualidade, os negros e pobres são frequentemente impedidos de alcançar ascensão social e política, e a educação se torna um dos principais obstáculos que enfraquecem os mais desfavorecidos.

Especificamente no âmbito da leitura, especialmente na literatura, encontramos uma

parte significativa de sua história viva, retratada em obras como as de Castro Alves e Machado de Assis, que tentam capturar a luta pela liberdade e a busca pelo empoderamento.

É importante reconhecer que muitos discursos, embora pareçam promover o acesso à literatura para as comunidades pobres e negras, podem ser hipócritas em sua essência. Eles tentam, de forma indireta, convencer essas comunidades de que são importantes e que têm acesso livre à literatura, mas a realidade muitas vezes é diferente:

Há no constante diálogo político do final do século XX para o século XXI a contravenção na fala que põe a sociedade como erros incontestáveis e reaparece como no vocabulário. “Todos eles a começar pelo Presidente da República, fazem afirmações que até pouco tempo seriam consideradas subversivas e hoje fazem parte do palavreado bem-pensante” (Cândido, 2011, p. 173)

Esse ponto aborda um período em que as mulheres eram frequentemente silenciadas, restritas em sua capacidade de fala e expressão. É evidente que a população em geral pouco faz para contribuir ou exigir mudanças que beneficiariam a todos. Embora alguns poucos possam desejar realizar a vontade do povo, muitas vezes os discursos das camadas políticas de poder acabam influenciando as percepções do público. Cândido (2011) esclarece a impossibilidade de entrada da leitura literária devido a vários discursos que afirmam que o próximo movimento tem direito a certos bens fundamentais, como moradia, alimentação, instrução e saúde."

"Isso evidencia um movimento excludente que afeta a sociedade menos informada, levando muitos a acreditarem que a leitura literária não tem uma função relevante para eles. No entanto, as normas estabelecidas pelos direitos humanos, como o Artigo 26, afirmam que todo ser humano tem direito à instrução, sendo a instrução elementar obrigatória.

A instrução, conforme estabelecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos, tem como objetivo orientar no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais. Cândido (2011), argumenta que a luta pelos direitos humanos pressupõe não apenas a sobrevivência física, mas também a valorização da educação como um direito universal."

Pensar a importância de reconhecer o viés histórico da literatura, destacando como ela frequentemente priorizou perspectivas brancas, marginalizando a voz e a experiência dos homens negros, muitas vezes confinando-os a trabalhos físicos e excluindo-os da cultura letrada

Como afirmado por Cândido (1988), não há povo que possa viver sem dialogar com a literatura. Isso reforça a ideia de que não se pode menosprezar um povo por conhecimento superficial de sua história, pois a literatura desempenha um papel fundamental no suprimento indispensável de humanização.

Na nossa sociedade, a literatura tem sido reconhecida como um instrumento poderoso de instrução e educação, sendo incorporada nos currículos escolares e proposta a cada indivíduo

como um equipamento intelectual e afetivo.

No entanto, apesar de seu reconhecimento como fundamental, a literatura enfrenta desafios significativos no contexto educacional atual. Por exemplo, de acordo com a Portaria nº3037 de 2022, no Ensino Médio, os alunos recebem uma carga horária anual limitada para a disciplina de Língua Portuguesa, o que torna difícil acessar todos os conteúdos necessários para atingir os níveis desejados nas avaliações internas e externas.

O autor enfatiza que a literatura oferece a possibilidade única de vivermos os problemas de forma dialética. Em outras palavras, ela nos permite contextualizá-los de maneira a evitar transgressões que vão contra a humanização concedida pelo texto literário. Através da reflexão, que se torna um exercício da razão, adquirimos sabedoria, aumentando nossa capacidade de utilizar essa filosofia transmitida pela literatura.

Assim, a literatura não apenas nos proporciona entretenimento, mas também nos desafia a refletir sobre questões profundas e complexas, expandindo nossa compreensão do mundo e promovendo o desenvolvimento de nossa própria sabedoria. É por meio desse processo que a literatura exerce seu poder transformador na sociedade, incentivando-nos a agir de forma mais ética e empática em nossas interações cotidianas: Ao discutir o estudo da literatura, também é relevante considerar como essas mensagens são transmitidas aos jovens, destacando a importância da análise crítica e da compreensão dos diversos níveis de significado presentes nas obras literárias.

Todorov, (2009, p.10) relata que: "[...] o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura de textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária".

A liberdade de expressão e produção dentro das práticas e conhecimentos juvenis desempenha um papel fundamental na formação de estilos e identidades culturais. Nesse sentido, a escola ou o sistema escolar precisam se atualizar constantemente para acompanhar o mundo exterior e valorizar o vasto ambiente que envolve os jovens dentro da sala de aula. Isso é essencial para tornar o aprendizado literário mais atraente e relevante para os alunos."

No entanto, dentro desse contexto, observamos, conforme Todorov (2010), que a literatura muitas vezes não está sendo contextualizada adequadamente. Isso se deve à ausência de agentes produtores desse contexto, que não percebem a importância de inserir esses conteúdos de forma significativa na academia e, conseqüentemente, na sociedade como um todo.

Portanto, é crucial que a escola reconheça e integre as experiências e conhecimentos dos jovens em seu currículo, garantindo que a literatura seja apresentada de uma forma que ressoe

com suas vivências e realidades. Somente assim poderemos proporcionar uma educação literária verdadeiramente enriquecedora e inclusiva.

A formação acadêmica desempenha um papel crucial na formalização e estruturação do conhecimento, servindo como uma ponte para que a literatura não se restrinja apenas às camadas mais privilegiadas da sociedade, mas também ocupe um lugar central na formação cidadã de todos os indivíduos. Isso requer que os cursos de literatura sejam acessíveis e inclusivos, proporcionando não apenas a leitura das obras, mas também a reflexão sobre seu conteúdo e significado.

A dificuldade de leitura pode ser um obstáculo significativo para muitas pessoas. Portanto, é essencial que os programas educacionais adotem abordagens que incentivem a compreensão e apreciação da literatura, independentemente do nível de habilidade de leitura dos alunos. Isso pode envolver o uso de métodos pedagógicos variados, adaptações curriculares e suporte individualizado para garantir que todos os estudantes tenham a oportunidade de se engajar plenamente com as obras literárias:

O perigo está no fato que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma “disciplinar” e institucional. Para esse jovem, a literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre a sua vida íntima e pública. As razões que colaboram para esse estado de coisas, tanto na França quanto aqui, são certamente muitas e bastantes complexas, e têm a ver com as transformações sofridas tanto pela criação poética em si quanto pelo processo de tornar a literatura uma disciplina científica possível de se tornar um curso universitário (Todorov, 2009, p. 10).

O processo de ensino da literatura muitas vezes suscita dúvidas e desafios, como destacado por Todorov (2009), que compara a falta de consenso nesse campo com a linearidade da história da matemática. Enquanto esta última possui uma narrativa mais clara e progressiva em sua construção, a literatura é frequentemente caracterizada pela sua subjetividade e multiplicidade de interpretações.

Todorov (2009) observa que “os especialistas críticos literários professores não somos na maior parte do tempo mais do que anões sentados em ombros gigantes”, destacando a complexidade e a vastidão do campo literário. Nesse sentido, é importante reconhecer que o objetivo do ensino da literatura não deve ser apenas a compreensão superficial do texto ou um resumo simplificado, mas sim uma análise profunda e estruturada que permita aos alunos explorar as várias camadas de significado e contexto presentes nas obras literárias.

É fundamental repensar a abordagem tradicional na formação do leitor literário, reconhecendo a necessidade de um caminho mais longo e sólido para adquirir as bases necessárias para a compreensão e reflexão sobre a história literária. Embora o conservadorismo

possa oferecer uma estrutura sólida para o estudo da literatura, é importante não limitar esse diálogo com os alunos de forma fragmentada.

A literatura deve ser abordada de forma holística, envolvendo os sentidos e proporcionando uma experiência completa ao leitor. Assim como seria equivocado julgar uma telenovela, sem ter assistido todos os seus capítulos, também seria inadequado limitar a compreensão e apreciação da literatura por meio de abordagens fragmentadas. Em vez disso, devemos buscar estratégias que permitam aos alunos mergulhar profundamente nas obras literárias, explorando sua complexidade e riqueza em sua totalidade.

A literatura vai muito além da simples reflexão ou interpretação de sentidos; ela possui o poder de nos aproximar e de nos fazer compreender as razões pelas quais vivemos, permitindo-nos ver o mundo sob uma nova perspectiva. Essa transformação ocorre de dentro para fora, promovendo uma mudança interna profunda que se reflete externamente. Nesse contexto, Todorov (2009, p. 77) afirma que "[...] a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente, a experiência humana."

Essa citação ressalta a capacidade da literatura de explorar e revelar aspectos profundos da condição humana, oferecendo insights valiosos sobre nossas vidas e sociedades. Através da leitura, somos convidados a vivenciar e a refletir sobre diversas experiências e emoções, o que enriquece nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Podemos compreender que, ao comparar a literatura com a filosofia, surgem algumas divergências notáveis. Enquanto a filosofia utiliza conceitos para que o leitor possa buscar o sentido e a razão de um fato, a literatura tem uma forma específica de fazer viver as experiências, favorecendo a imaginação e a construção de novos conceitos.

A filosofia é caracterizada por seu rigor analítico e pela busca de verdades universais por meio da lógica e da argumentação. Ela incentiva o leitor a ponderar e questionar, a fim de alcançar uma compreensão mais profunda dos fundamentos da existência e do conhecimento. O processo filosófico é, portanto, um exercício de abstração e de reflexão crítica, onde o objetivo é muitas vezes desvelar verdades ocultas ou paradoxos sobre a natureza da realidade, da moralidade, e da mente humana.

Por outro lado, a literatura opera em um domínio mais concreto e emocional. Ao invés de se apoiar exclusivamente na lógica e na razão, a literatura utiliza narrativas, personagens e mundos imaginários para evocar experiências sensoriais e emocionais. Ela permite ao leitor vivenciar, de maneira indireta, os dilemas, os conflitos e as alegrias dos personagens, facilitando uma conexão empática que pode levar à construção de novos entendimentos e perspectivas. A literatura expande a capacidade do leitor de imaginar diferentes realidades e possibilidades,

enriquecendo sua compreensão da complexidade humana.

Essas diferenças não implicam que uma forma de conhecimento seja superior à outra. Na verdade, a filosofia e a literatura podem ser vistas como complementares. A filosofia fornece as ferramentas conceituais e a estrutura para analisar e entender o mundo de maneira lógica e racional, enquanto a literatura oferece um espaço para explorar e experimentar a multiplicidade da experiência humana em toda a sua riqueza e diversidade.

Assim, enquanto a filosofia nos ajuda a racionalizar e a estruturar nosso entendimento, a literatura nos permite sentir e imaginar, facilitando uma integração mais completa do conhecimento humano. Juntas, ambas promovem um enriquecimento intelectual e emocional, fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico e da empatia.

O leitor literário assimila conhecimento com maior ou menor facilidade, dependendo do seu conhecimento prévio para entender o conteúdo da obra. Por exemplo, no caso da obra de Machado de Assis, ela pode ser lida por várias pessoas, mas a compreensão será conforme o nível de familiaridade que o leitor tem com esse tipo de texto. Aquele que compreende plenamente é capaz de criar novas imagens que se adaptam ao enredo narrado, enquanto o leitor menos experiente continuará procurando por um contexto que dê sentido à sua interpretação.

Diante da leitura, aquele que consegue abstrair é levado a fazer provocações, pois tende a ser mais livre na formulação do discurso. Em termos gerais, a literatura se expandiu ao imprimir no indivíduo a magia dos poemas, novelas, romances e a dramaticidade, ultrapassando a mera reflexão para adentrar o vasto domínio da escrita, que se dirige à massa ávida por novos pontos de referência:

Não creio ser o único a vê-la assim. Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras medidas de concebê-los e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão; a literatura abre o infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente (Todorov, 2009, p. 23).

O convite feito por Todorov nos inspira e nos impulsiona em direção à essência tímida da leitura e da literatura, porém, pouco mencionada através do discurso dos professores que ensinam literatura. A literatura nos faz sentir vivos e úteis na relação de resposta com o outro. Esta configuração no sistema de ensino da prática da literatura não abre caminho para o discurso da obra, o deleite do movimento que o autor traz como reflexo social, cultural e político.

A formação do conceito amplia-se a partir desse movimento, propondo tornar o indivíduo capaz de confrontar o real e o lúdico sem deixar de enfatizar o objeto. Isso ressalta a constante imersão na leitura, com regras e métodos, possibilitando nas escolas a liberdade, desde os primeiros anos escolares, de escolher a obra adequada ao seu tempo, à faixa etária, às

relações sociais e ao contexto cultural, reconhecendo o momento da leitura como uma necessidade de conhecimento. O ensino da literatura, ao longo do tempo, carece de reflexão e se perde em análises críticas de alguns autores que não trazem elementos novos para contribuir de forma integral.

Dessa forma, a escola muitas vezes falha em observar a compreensão e o ganho adquirido com a recepção do conhecimento literário. Cada vez mais, Todorov enfatiza essa prática literária, argumentando que é necessário ir além; talvez essa afirmação nos leve a um raciocínio fundamentado na técnica de não se apressar para encerrar o trabalho com a obra literária, mas sim estudá-la em todo o seu contexto. A ideia seria, de forma consistente, penetrar no cerne da obra literária para que posteriormente a análise seja aplicada de forma racional, contribuindo para que a sociedade seja enriquecida com elementos que estabeleçam um equilíbrio na prática literária:

O texto só pode dizer uma única verdade, a saber: que a verdade não existe ou que ela se mantém para sempre inacessível. Essa concepção de linguagem estende-se para além da literatura e concerne, a disciplinas nas quais, anteriormente, a relação com o mundo não era contestada (Todorov, 2009, p. 40).

Neste aspecto, é possível entender que Todorov incita uma leitura dentro da complexidade vista nos parágrafos anteriores. O aprendizado trazido desde a infância, quando direcionado tanto no aspecto social, familiar e escolar, facilitará a descoberta. Portanto, busca-se na compreensão por uma crítica responsável, que beneficie não apenas um ou outro, mas sim o esclarecimento. Isso nos leva a um conceito que diz:"

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo (Freire, 1981p. 9)

Por isso, antes mesmo de aprendermos a ler e escrever palavras e frases, temos uma breve noção de que sabemos algo, pois somos influenciados por familiares e pessoas ao nosso redor, e tentamos alcançar além da inocência, buscando conhecer o que ainda não conhecemos. A literatura, em seu processo de reconstrução e construção, necessita que a sociedade conheça a realidade para se preparar para solucionar os problemas que surgem. É importante ressaltar que a literatura não se limita; ela invoca a responsabilidade e o compromisso com a causa e com a defesa do povo, visto que o "direito" também se origina das causas sociais. A liberdade e a solidariedade tornam o homem ávido na luta pela autonomia e progresso literário.

## **1.2 Literaturas: desconhecimento do aspecto feminino**

A mulher negra sempre teve um papel importante na culinária, na costura, no trato com os filhos e família, consumando os estereótipos de gênero.

A construção da identidade passa por todos os problemas inferidos pela sociedade. O momento atual vem contribuindo para a construção de um ambiente favorável para uma presença feminina mais significativa. Duarte (2005), descreve a razão da importância da mulher. Nessa ordem, a condição de corpo disponível vai marcar a figuração literária do mulato animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e as artimanhas e trejeitos da sedução.

A mulher negra sempre desempenhou um papel fundamental na sociedade, seja na arte culinária, na habilidade da costura, no cuidado amoroso com os filhos e na construção dos laços familiares. A formação da identidade é influenciada por uma miríade de questões sociais. O contexto contemporâneo tem impulsionado a criação de um ambiente propício para uma participação feminina mais proeminente.

Nesse sentido, Duarte (2005), em seu trabalho, destaca a importância da presença feminina no contexto histórico ao reconhecer e explorar as contribuições das mulheres em diversas esferas da sociedade ao longo do tempo. Ele aborda como as mulheres desempenharam papéis fundamentais em eventos históricos, movimentos sociais, desenvolvimento cultural e econômico, entre outros aspectos. Além disso, ele discute como a história tradicionalmente negligenciou ou minimizou o papel das mulheres, ressaltando a necessidade de reavaliar e reescrever a história para incluir suas perspectivas e experiências.

A partir desse tema, surge a discussão sobre o papel da mulher no contexto social e na literatura. Esta mulher negra tem sido discriminada desde os primórdios da história brasileira, como podemos lembrar através de figuras como Gregório de Matos e outros. Apesar do estereótipo, a mulher negra sempre desempenhou um papel importante na culinária, na costura e no cuidado com os filhos e a família.

A construção da identidade da mulher negra passa por todos os problemas impostos pela sociedade. No entanto, o momento atual tem contribuído para a construção de um ambiente mais propício para uma presença mais significativa. Nesse sentido, Duarte (2005) descreve a importância da mulher diante do período em que vivemos.

Dentro dessa perspectiva, a condição de corpo disponível marcará a figuração literária da mulata como o erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e aos artifícios da sedução. Geralmente desvinculada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer sem compromissos, a mulata retratada na

literatura brasileira é configurada pelo estereótipo da mulher fornicária, seguindo a tradição europeia de ser noturna, carnal e próxima da figura da meretriz.

A análise de (Duarte, 2005) sobre a representação de uma mulata hedonista, como observada em *Tieta do Agreste* de Jorge Amado, oferece uma valiosa contribuição para o estudo da literatura brasileira no contexto cultural específico.

Destaca-se a importância de explorar como as questões de gênero e etnia moldam a caracterização das personagens femininas na ficção literária nacional. Além disso, a obra ressalta a complexidade das identidades femininas afrodescendentes, evidenciando suas lutas individuais e coletivas em meio a uma sociedade predominantemente eurocêntrica.

Embora se deva reconhecer as limitações impostas pelo padrão estético eurocêntrico, é notável o reconhecimento feito por Gregório da 'beleza milagrosa' da protagonista afro-brasileira, destacando não apenas a estética, mas também a resiliência e a força dessas mulheres diante das adversidades históricas e sociais.

A esses se juntam os conhecidos versos a Catona, Canto IX de "Os Lusíadas", de Luís de Camões estrofe 45, "que se entende como feia / Mas é formosa entendida", entre outros, a fim de destacar a "graça", o "canto", o "riso feiticeiro", mas sobretudo o corpo, que ela "dá" ao homem para "ver" e "apalpar".

Visão e tato não se separam, o que aponta para a constante lubricidade que marca a presença desse fruto interétnico de uma sexualidade não sancionada pela moral cristã. Fruto que parece vir, também ele, diretamente da natureza para o prazer masculino e que ostenta esta condição como destino inelutável.

Pela pena satírica e burlesca de Gregório de Matos surge a "crônica do viver baiano seiscentista", na qual pululam negras, pardas, cabras e mulatas. Estas ganham bem mais versos do que as donzelas e senhoras brancas.

Versos marcados, todavia, por uma semântica erótica obcecada pelos corpos de pele morena, sempre desfrutáveis, segundo tal ponto de vista, aos olhos e às fantasias sexuais do homem branco.

Coloca a mulher dentro de um triste cenário e desolador ainda maior por que isola a mulher branca, as palavras traduzem a mulher branca sem utilidade de sentimento aos homens e deixa esta carga de desejos abomináveis apenas ao ser negro "mulato" dentro do contexto.

Então a literatura é de fato construída no detalhe do prazer carnal, por outro lado, apesar dos aspectos ruins tratados, Gregório de Matos inova esse poder destacando a beleza deste ser chamado de a beleza da África, onde sobressaem variantes de qualidades reconhecidas hoje no mundo contemporâneo.

## 1.4 A Crise

Iniciamos esta jornada questionando o que causou a diferenciação entre brancos e negros e o ódio pela negritude. O racismo, historicamente relacionado aos aspectos políticos, culturais e sociais, manifestou-se como um mecanismo de manutenção de privilégios de classe. Grande parte da invisibilidade do preconceito racial no Brasil começou em 1937, com a dissolução da Frente Negra Brasileira.

Nos Estados Unidos, na década de 1960, o ativista Malcolm X discutiu o protagonismo negro e criticou o movimento dos direitos civis liderado por Martin Luther King Jr. W. E. B. Du Bois, em "As Almas da Gente Negra" (1903), abordou a experiência dos afro-americanos e como a sociedade americana branca inferiorizava os negros.

Para Guimarães (1998, p. 6), "o simbolismo das cores variava em diferentes partes do mundo. Por exemplo, na África, o demônio era representado como branco". Relatos de viajantes ingleses no século XVII mostram essa inversão da preferência europeia.

No Brasil, o preconceito foi tratado com indiferença comparado a outros países. A repulsa pelos povos de cor prevaleceu entre os europeus, afastando-se dos padrões estéticos e valores de sua civilização. No entanto, as obras literárias e os livros didáticos tentam administrar a razão do risco que o racismo/preconceito tomou no contexto filosófico das populações brancas.

Na mesma linha de pensamento, buscando dar maior poder às classes americanas, W. E. B. Du Bois, um sociólogo, historiador e ativista afro-americano, é conhecido por seu trabalho seminal intitulado "As Almas da Gente Negra", publicado em 1903. Nesta obra, Du Bois discute as questões de raça e preconceito racial nos Estados Unidos. Ele aborda a experiência dos afro-americanos, a chamada "questão negra", e como a sociedade americana branca inferiorizava os negros. Du Bois também enfatiza de forma emocional que Deus não havia feito o povo negro inferior. Nesse contexto, ele explora como o povo americano pensa, se relaciona e alimenta o sonho de conquistar a liberdade para os negros.

Importa-nos nesta dissertação ouvir as falas dos pensadores que observaram em todo contexto as razões pelas quais, no Brasil, o preconceito foi tratado com tamanha indiferença em detrimento de outras unidades de países. Prevaleceu, por parte dos europeus, a repulsa pelos povos de cor, que se afastavam dos padrões estéticos e dos valores de sua civilização. Essa repulsa era, entretanto, estendida a todos os povos "de cor", ou seja, "negros". Os africanos subsaarianos eram referidos pelos ingleses de maneira depreciativa.

No entanto, as obras literárias e os livros didáticos vêm tentando abordar a complexidade do racismo/preconceito dentro do contexto filosófico das populações brancas. Apesar do

desenvolvimento intelectual, tecnológico, político e social, a imagem do negro não desempenha um papel significativo na conduta cultural do homem branco. Podemos definir o racismo como uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que resultam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, dependendo do grupo racial ao qual pertençam. Sob uma análise crítica, supõe-se que haja uma relação hereditária, conforme APPIAH:

A primeira consiste no facto de que existem características hereditárias, possuídas por membros da nossa espécie que nos permitem dividi-los num pequeno conjunto de raças, de tal modo que todos os membros dessas raças compartilham entre si certos traços e tendências que não têm em comum com membros de nenhuma outra raça. Esses traços e tendências constituem uma espécie de “essência racial”. Sendo que as características hereditárias essenciais das “raças do homem” respondem por mais do que as características morfológicas visíveis – cor da pele, tipo de cabelo, feições do rosto – com base nas quais formulamos as nossas classificações informais. O racialismo está no cerne das tentativas do século XIX de desenvolver uma ciência da diferença racial e parece ter também despertado a crença de outros como: Hegel, Crummell e muitos africanos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial (Appiah, 1993, p. 62).

De acordo com o autor, o racismo interno já é suficiente para que outra pessoa escolha o não negro. Outro fator ligado ao racismo, segundo o mesmo autor, é que as ações morais podem impedir a capacidade de produção do negro diante dos eventos sociais.

Um estudo realizado pela Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ, 2009) aborda o preconceito racial, formando juízos baseados em estereótipos sobre indivíduos pertencentes a determinados grupos étnicos, o que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Segundo essa afirmação, o negro não deveria se misturar a outros grupos, devido à possibilidade de confusão e discriminação.

Observa-se que o poder desempenha um papel significativo quando se trata de discriminação. Nesse sentido, a literatura tanto direta, quanto indiretamente, influencia essa distinção em relação à discriminação.

Os exemplos são visíveis aos olhos da sociedade que observa as famílias que moram nos morros, sendo desrespeitadas pela ideologia de que todos que habitam essas áreas são negros; esse é um contexto onde se aplica a forma direta de discriminação. A ausência de negros nas principais funções de prestígio na sociedade é um sinal da má qualidade de gerenciamento de políticas voltadas ao enfrentamento do processo de discriminação.

Esses pontos citados anteriormente são questões observadas como não absurdas, indicando que são indiretamente levadas a se tornarem racistas.

Guimarães (2008), mostra uma sociedade europeia hierárquica e guerreira, praticando horrores com a escravidão ou servidão de povos conquistados. Os europeus já teorizavam sobre a inferioridade natural de povos escravizados e conquistados, pelo menos desde os gregos.

Nesse ponto, surge o sentimento de superioridade ou preconceito, uma vez que, no Ocidente cristão, o negro significava a derrota, a morte, o pecado, enquanto o branco significava o sucesso, a pureza e a sabedoria.

De acordo com Cesire (1978), “O movimento defendia o orgulho na cultura africana, a valorização da identidade negra e a denúncia do colonialismo e do racismo”. O "Discurso sobre o Colonialismo" é uma obra fundamental da Negritude e aborda questões importantes relacionadas à opressão colonial, exploração econômica, discriminação racial e a desumanização dos povos colonizados. O texto faz uma crítica não apenas ao colonialismo europeu, mas também à hipocrisia moral da Europa, que pregava a civilização enquanto cometia atos bárbaros no mundo colonial.

Embora escrito em 1950, o discurso permanece relevante até hoje como um importante documento literário e político que influenciou o pensamento pós-colonial e os estudos críticos sobre colonialismo e racismo.

Portanto, a ideia de que o racismo tem se reduzido ao longo do tempo são versões desumanizadas de grupos superiores que desejam ver enterrada a condição do negro como participante da sociedade. Ao tomar partido, o negro se fortalece tanto culturalmente quanto intelectualmente para se aproximar um pouco mais do equilíbrio. Infelizmente, no conjunto da obra, os sistemas que integram a máquina do governo não pautam claramente o negro como pertencente ao fator histórico da humanidade.

Ao explicar a inferiorização de alguns povos como decorrência de sua descendência e não de seu local de habitação, Nogueira (1955) discute o conceito de preconceito:

O preconceito racial de marca, próprio do Brasil, é definido no critério da aparência, na cor da pele. Nele, é possível contrabalançar a "desvantagem" da cor, digamos assim, por algum atributo associado a ela, como fama, instrução, ocupação ou riqueza. São variáveis que atuam promovendo uma espécie de apagamento da cor.

E também, diferencia e busca comprovar a sua leitura em relação ao preconceito de origem:

Já o preconceito de origem, característico dos Estados Unidos, reside na descendência. Ser negro ou não é inegociável, independentemente do contexto ou condições sociais. Portanto, uma mulher branca de cabelos louros e olhos azuis pode sofrer preconceito se, originalmente, descender de negros (Guimarães, 1998, p. 7).

Ao atribuir tal situação a uma falha de comportamento original e ao instituir a cor como marca da maldição, o cristianismo tornava o status social e moral dos oprimidos muito mais rígido. O movimento que vinha ocorrendo no âmbito das discussões filosóficas sobre os questionamentos sobre as diferenças humanas passou a ser considerado um objeto de estudo científico. Disciplinas como Biologia e Física foram utilizadas como forma de explicar a

diversidade humana.

Muitas características foram levadas em consideração, como o clima, ambiente e moralidade, assim como a relação entre o ambiente habitado e o comportamento. Será em meados do século XIX que a nascente ciência biológica fará das raças humanas um objeto de estudo, através de medições do formato e do tamanho da caixa craniana, para logo em seguida, no começo do século, abandonar as classificações baseadas em traços fenotípicos e concentrar-se no estudo da hereditariedade e dos genes.

A história do desenvolvimento dessas teorias e das disputas entre elas não é objeto deste livro. É importante mencionar, todavia, que ainda hoje, na genética, há disputa sobre a existência ou não de raças humanas e a conveniência de se empregar a palavra “raças” para designar populações humanas. Prevalece, entretanto, a opinião de que não existem raças humanas e que formamos toda uma única raça.

Esse conceito no sentido de “raça”, entretanto, começou a se difundir e impactar a todos no início dos anos 1920, com a afirmação dos “negros”. Naquela época, o termo era usado para representar “escuridão” e tudo o que era considerado ruim, inferior e até mesmo utilizado como insulto.

No entanto, houve uma mudança nesse contexto, com a busca por uma conotação mais positiva e pela luta pela “Liberdade”. A mídia da época, especialmente jornais que se dedicavam ao serviço de informação e formação, mostrou-se bastante atenta ao movimento político dos negros americanos, desempenhando um papel desafiador ao registrar as mudanças esperadas para o povo negro nessa fase da história.

Na segunda metade do século XIX, entretanto, na mesma linha, começou a ocorrer uma tendência em que o termo “preto” passou a englobar igualmente africanos e descendentes de africanos. “Negro” deixou então de ser associado apenas à “cor” e gradualmente adquiriu um significado mais racial e pejorativo.

Portanto, ao comparar essas situações com a contemporaneidade, é possível perceber a mudança na conotação do termo “preto”. Inicialmente celebrado como uma simples referência à cor, mais tarde foi acompanhado por uma carga negativa e pejorativa, levantando a questão do “racismo”.

Almeida (2019, p. 25) aborda de forma clara como o termo racismo pode ser conceituado.

O racismo, conforme esta concepção, é visto como uma forma de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de natureza individual ou coletiva, atribuído a grupos específicos; ou então, seria o racismo uma forma de “irracionalidade” a ser

combatida no âmbito jurídico através da aplicação de medidas civis, como indenizações, por exemplo, ou penais. Assim, a abordagem individualista pode não reconhecer a existência do “racismo”, preferindo referir-se apenas ao “preconceito”, destacando a dimensão psicológica do fenômeno em detrimento de sua dimensão política.

Essa passagem destaca claramente a necessidade de abordar diversos pontos. Primeiramente, ao comparar o racismo a uma doença, levanta questões significativas. As questões jurídicas, atualmente em várias audiências pelo mundo, frequentemente parecem tratar o racismo como se estivessem indenizando um “objeto” por danos causados, ou como se o racismo fosse uma falta de racionalidade. No entanto, essa não é uma avaliação simples, mas sim um trabalho que demanda uma profunda reflexão educacional e cultural, mobilizando os agentes para promover ideias de progresso e trazer o termo racismo para o diálogo com a sociedade como um todo. Isso envolve desfazer discursos e comportamentos que foram transmitidos por gerações e que, de certa forma, impedem a reflexão individual de agir.

A minimização dos termos relacionados ao racismo apenas alimenta a motivação de diversos grupos que buscam destacar a natureza estrutural desse problema, que permeia as relações entre brancos e negros. Almeida (2018) argumenta que o racismo estrutural está enraizado em sistemas de opressão dentro das instituições, resultando em desigualdades econômicas, acesso desigual à educação e injustiça no sistema penal, mesmo em democracias.

O autor enfatiza a necessidade de ações coletivas por parte das instituições para enfrentar esse problema. Esse cenário impulsiona o extremismo, onde os negros são marginalizados de maneira sutil, com acesso limitado a outras classes sociais. A mídia muitas vezes retrata apenas o sofrimento, obscurecendo as capacidades e potenciais da comunidade negra. A conscientização e a educação são apontadas como meios para transmitir informações sobre os males do racismo e promover mudanças culturais que enfrentem o problema de frente.

Além disso, o termo “raça” muitas vezes é usado para agrupar todos os descendentes de africanos, principalmente aqueles de pele mais clara, que são vistos como os mais propensos a manifestar preconceito. Isso revela a utopia e hipocrisia presentes na sociedade brasileira, onde a raça negra é frequentemente vista como vivendo numa igualdade utópica, sem levar em conta suas desigualdades sociais, culturais e econômicas.

A criminalização do racismo é essencial, mas ainda há uma convicção arraigada na sociedade de menor poder político e social entre os negros. Apesar das políticas públicas de inclusão, a dor do racismo persiste. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sugere que ações como o aumento do salário mínimo e a implementação de programas de assistência social podem ajudar a equilibrar as disparidades de classe, pois muitos trabalhadores negros

estão em setores com baixos salários.

Dessa forma, não é possível generalizar a prática de não punição pelas autoridades, pois cada ambiente apresenta práticas definidas de discriminação, refletindo as características e expectativas diferentes dos indivíduos. A relação entre a falta de combate ao racismo e a forma como ele é observado em diversos contextos, tanto no Brasil quanto em outros países, varia consideravelmente. Nesse sentido, as particularidades devem ser consideradas no exercício pleno da legislação.

As instituições, em determinados momentos, podem ser responsabilizadas pela falta de ação justa no cumprimento das leis, pois grupos de políticos e empresários muitas vezes têm interesse em minimizar a existência e os direitos do povo negro. A dominação através do racismo é um mecanismo institucional, exercido pelo poder de órgãos dominadores que impõem regras e padrões considerados normais, sem necessidade de ação punitiva.

As instituições devem expor sua capacidade formal e imparcial ao tratar do racismo. Almeida (2019) traz uma reflexão que desafia os meios responsáveis a adotarem uma postura mais ativa e justa. Ele argumenta que o racismo estrutural é perpetuado por um sistema de opressão dentro das instituições, resultando em desigualdades econômicas, acesso desigual à educação e injustiça no sistema penal.

Para enfrentar o racismo estrutural, é necessário um esforço coletivo das instituições. A conscientização e a educação são essenciais para informar sobre os males do racismo e promover mudanças culturais significativas. As políticas públicas, como o aumento do salário mínimo e programas de assistência social, podem ajudar a equilibrar as disparidades de classe, visto que muitos trabalhadores negros estão em setores de baixos salários.

O racismo institucional, conforme citado por Lopes (2012), é caracterizado pelo fracasso das instituições e organizações em fornecer serviços profissionais e adequados às pessoas devido à sua cor, cultura, origem racial ou étnica. Esse tipo de racismo se manifesta em normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano do trabalho, resultantes do preconceito racial, que combina estereótipos racistas, falta de atenção e ignorância. Em todos os casos, o racismo institucional coloca as pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em desvantagem no acesso aos benefícios proporcionados pelo Estado e por outras instituições e organizações.

Várias ações de combate ao racismo institucional ainda estão em debate, como exemplo, “promover a saúde integral da população negra, priorizando a redução das desigualdades étnico-raciais, o combate ao racismo e à discriminação nas instituições do Sistema Único de Saúde (SUS)”, (BRASIL, 2010, p. 33). Isso ressalta o fato de que, mesmo em um sistema de

saúde universal como o SUS, a população negra é menos considerada, evidenciando a persistência do racismo institucional e a necessidade de ações concretas para combatê-lo

Os parâmetros discriminatórios baseados na raça serve para manter a hegemonia do grupo racial dominante, estabelecendo a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder deste grupo como o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. Esse domínio, conforme observado no Brasil, é evidente tanto em instituições públicas – como o legislativo, o judiciário, o ministério público e reitorias de universidades – quanto em instituições privadas, como as diretorias de empresas.

Para que esse domínio seja mantido, é necessário, em primeiro lugar, a existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres. Em segundo lugar, é essencial que existam espaços onde se discuta a desigualdade racial e de gênero, o que ajudaria a não naturalizar o domínio do grupo formado por homens brancos .

Essa consequência é visível entre grupos ou indivíduos formados em conjunto com negros em escolas públicas. Em determinados âmbitos da vida, esses indivíduos podem discordar da capacidade interna e externa daqueles que, um dia, estiveram presentes no mesmo banco escolar, público ou particular. Mesmo assim, não receberam do sistema educacional conceitos e disciplinas de diferente valor. Historicamente, após a libertação dos escravos, as escolas destinadas aos negros ofereciam uma educação inferior, o que limitava suas oportunidades de avançar na formação acadêmica.

O domínio estabelecido pela hegemonia branca reflete um sistema educacional que, por muito tempo, negligenciou a igualdade de oportunidades. A educação inferior oferecida aos negros após a abolição da escravatura perpetuou a desigualdade, limitando suas oportunidades de crescimento acadêmico e profissional. Mesmo hoje, a educação pública enfrenta desafios significativos, com escolas em áreas predominantemente negras muitas vezes carecendo de recursos adequados, professores qualificados e infraestrutura apropriada. Essas deficiências resultam em desigualdades persistentes que dificultam a ascensão social e a equidade racial.

Portanto, a manutenção da hegemonia branca nas instituições é um processo multifacetado que envolve tanto a perpetuação de padrões discriminatórios quanto a insuficiência de intervenções eficazes que poderiam promover a igualdade de oportunidades. Para desafiar esse domínio, é necessário um compromisso contínuo com a reforma educacional, políticas de ação afirmativa e a promoção de espaços de discussão que visem desconstruir a desigualdade racial e de gênero .

Embora mundialmente o povo negro trace suas raízes remontando à África, nem sempre, nas diversas nacionalidades adotadas, reivindicou uma cultura própria, negra ou africana. O

caso extremo ocorre justamente no Brasil, onde só muito tardiamente os brasileiros negros se reconheceram como produtores de uma “cultura negra”, de origem africana. Salientando esse processo reivindicatório de raça, é importante lembrar o movimento de ascensão da classe minoritária, que sofreu com as inconstâncias da maioria branca.

De forma alguma esse grupo teve forças suficientes para, através de falas e lutas, conquistar o direito de buscar as leituras necessárias. A visão de que algumas observações poderiam mudar a visão dos grupos políticos, religiosos e educacionais, que levantassem uma bandeira de leis favoráveis e constitucionais de interesse aos negros em defesa de uma dignidade não aceita até os nossos dias, é crucial.

No decorrer do processo histórico, Almeida (2019) argumenta que o antirracismo, que simboliza a luta entre direito e poder, teve o racismo como forte pretexto para a ascensão de grupos com propostas de extermínio contra os negros. Nos Estados Unidos, no Caribe e na Europa, a existência de uma “cultura negra” nunca foi seriamente posta em dúvida. Muito pelo contrário, ela serviu de justificativa para a luta em prol da emancipação política dos negros e alimentou o ideal nacionalista pan-africanista de muitos movimentos sociais.

Mantendo uma triste realidade, o jornal EL PAÍS (2016) trata do racismo nos Estados Unidos como menos transgressor comparado ao Brasil em poucos aspectos. Apesar de Brasil e Estados Unidos enxergarem o processo de racismo de maneiras diferentes, "uma frase não fecha o processo de discussão sobre o racismo: ‘vidas brancas importam’", trazida com uma carga de superioridade pelos brancos.

Quer dizer, lutam pela excelência da raça negra, cogitando que essa seja um nada para a sociedade. Inspirando conflitos armados, investindo no suicídio literal, pois eles pensam ser os responsáveis por toda a iniquidade ocorrida ao branco. O EL PAÍS mostra dois exemplos: nos EUA, os negros não podiam usar as mesmas ruas ou ônibus, caracterizando o racismo racial. Enquanto no Brasil, se alguém comete um delito, e há um negro e um branco na cena, a polícia atribui a culpa ao negro por uma questão social.

Assim, a resistência ao poder se divide em muitas palavras, mas, em certos pontos, o negro, por não ter acesso a mecanismos fortemente enraizados, é julgado como incompetente. Ao receber nomes de menosprezo pela ausência educacional, negada ao longo de um período pela maioria branca, é notável que a forma de trabalho foi restringida ao menor patamar, alienando cada vez mais o negro a continuar sendo submisso à hegemonia branca.

As teorias de Munanga (2010) buscam tratar do maior problema da maioria entre nós, que parece estar em nosso presente, em nosso cotidiano de brasileiros e brasileiras. Temos ainda bastante dificuldade para entender e decodificar as manifestações do nosso racismo à brasileira,

por causa de suas peculiaridades que o diferencia das outras formas de manifestações de racismo.

As teorias que procuram compreender o preconceito racial (ou simplesmente o de cor) variam quanto ao objeto a ser explicado. Para a sociologia, o preconceito racial decorre de um modo específico de construir as fronteiras de um grupo social a partir de marcas que são entendidas como raciais. O pertencimento a tal grupo deriva de origem biológica comum, transmitida hereditariamente, e demarcada por características fisionômicas, físicas, cognitivas e morais.

E assim se comunicam as formas mais distintas do poder; o Estado, que deveria dar legalidade, é também a instituição que de pronto atendimento as normas setoriais de combate as mazelas do racismo, que em outro aspecto não realiza formalmente a desconstrução da lei. Enquanto um indivíduo busca na justiça o direito de ser respeitado o Estado cria legislações que dificultam o trabalho, restringindo o acesso dos grupos em permanente manifestação popular no intuito da racionalização dos ideais de luta em defesa do racismo. Pois o direito que é mecanismo que valida/ que faz punir de maneira criminal as pessoas que se apossam da superioridade ou aberturas que são construídas a partir de algumas negociatas para não atingir aqueles que se acham intocáveis diante da justiça.

Nesta estrutura racista que se formou, o negro passa a ser visto como perdedor, descreditado em suas pretensões de formação. Devido ao fator cor, existe a dificuldade de ser aceito em determinadas situações, como, por exemplo, na profissão de professor. Observando as instituições, tanto públicas quanto particulares, percebe-se uma ausência de equilíbrio entre negros e brancos. Dados coletados pelo movimento Todos pela Educação revelam claramente essas diferenças.

Olhando para os dados dos últimos anos, houve um aumento no número de crianças pardas matriculadas na etapa inicial da Educação Infantil entre 2016 e 2018: 3 em cada 10 bebês (32%) declarados com essa raça/cor frequentavam creches em 2018 (últimos dados disponíveis para esse recorte), um crescimento de quase quatro pontos percentuais em relação a 2016. Mesmo com o aumento, o percentual ainda está abaixo do de crianças brancas, que correspondia a 39% em 2018 (Todos pela Educação 2020).

Em outra fase, observaram-se dados referentes ao desempenho em disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática, revelando uma realidade em que a disparidade de oportunidades educacionais se torna evidente. Em 2017, no 5º ano do Ensino Fundamental, de acordo com o Inep, 41,4% dos pretos e 62,5% dos pardos apresentavam aprendizagem adequada em Língua Portuguesa, enquanto os brancos nessa condição totalizavam 70%. Em relação à

Matemática, as diferenças se repetiam: 29,9% dos pretos, 49,2% dos pardos e 59,5% dos brancos tinham aprendizagem adequada.

Essa disparidade se agrava ainda mais no Ensino Médio, onde em 2019, apenas 65,1% dos jovens pretos e 66,7% dos pardos de 15 a 17 anos frequentavam o Ensino Médio, em comparação com 79,2% dos brancos. Além disso, a conclusão dessa etapa até os 19 anos era uma realidade para apenas 58,3% dos jovens pretos e 59,7% dos pardos em 2019, enquanto 75% dos jovens brancos alcançavam essa marca.

O problema do Ensino Médio não reside na oferta de vagas, mas sim na defasagem de conhecimento ao chegar ao 3º ano. Pode-se chamar de resultado problemático a diferença entre brancos e negros. Ao final do 3º ano do Ensino Médio, os alunos brancos com aprendizagem adequada em Língua Portuguesa e Matemática, em 2017, eram 40,8% e 16%, respectivamente. Já entre os pretos e pardos, esses percentuais eram 21,7% e 24% em Língua Portuguesa e 4,1% e 5,7% em Matemática, respectivamente.

Nos estabelecimentos particulares essa porcentagem de negros se torna muito baixa, por entender que ele não consegue ter formação suficiente ao nível, para ensinar os alunos. Porém segundo o Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa GEMAA (2020) menos de 10% de todos os alunos das 20 melhores escolas privadas do Brasil, visto que as mensalidades nestas escolas passam de quatro mil reais. O mesmo acontece para os cursos de direito, por ser um povo que sofreu privações e retaliações no passado, e tem uma história ruim, acreditam que ele levaria essa carga emocional para o trabalho, trazendo consequências trágicas a sua função frente as ações judiciais.

Todavia, por mais que sejam bastante diferentes umas das outras, as tentativas cima de explicar a desigualdade racial têm em comum o fato de que são o resultado de elaborações intelectuais que em determinados momentos ganharam até mesmo o status de ciência. Mesmo hoje, para Almeida (2019), quando as teorias racistas estão desmoralizadas nos meios acadêmicos e nos círculos intelectuais que as gestaram, na cultura popular ainda é possível ouvir sobre a inaptidão dos negros para certas tarefas que exigem preparo intelectual, senso de estratégia e autoconfiança como professor, médico, advogado, goleiro, técnico de futebol ou administrador.

Guerreiro Ramos (1954) questionava a maneira como parte da intelectualidade brasileira abordava a questão racial, referindo-se a ela como "o problema do negro". Para Guerreiro Ramos, o problema racial não era apenas um "problema do negro", mas sim da "ideologia da branquidão" presente não apenas nas "massas", mas também na academia. Ele se referia à postura de oposição e rejeição que caracterizava as pessoas brancas brasileiras diante

da possibilidade de integração social com negros como uma "patologia social do branco".

No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial são sustentadas pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é atribuída às pessoas negras que, supostamente, não fizeram tudo que estava ao seu alcance. Em um país tão desigual como o Brasil, a meritocracia valida a desigualdade, a pobreza e a violência, dificultando a adoção de medidas políticas eficazes contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro, o discurso da meritocracia é altamente racista, pois promove a aceitação ideológica da desigualdade racial pelos indivíduos.

A crítica apresentada por Young (1958) questiona o sistema de meritocracia, destacando a dificuldade em avaliar apenas duas características, como inteligência e esforço, para determinar o sucesso de um indivíduo. Essa abordagem filosófica ressalta que o esforço não depende apenas do próprio indivíduo, mas também das oportunidades proporcionadas pelo sistema em que ele está inserido. Young argumenta que a liberdade real ocorre quando os indivíduos participam ativamente na formulação das leis e normas que regem a sociedade.

É crucial considerar o contexto histórico na análise do sistema educacional, pois historicamente os negros não receberam a mesma qualidade de ensino que os brancos. Essa disparidade resultou em um atraso educacional significativo para muitos negros, o que os coloca em desvantagem no mercado de trabalho e nas oportunidades de vida. Apesar dos esforços individuais para se adaptar e competir, o conhecimento torna-se uma barreira para a igualdade de oportunidades.

É importante reconhecer que indivíduos em ambientes com melhores condições financeiras e acesso a escolas de qualidade têm mais chances de sucesso, enquanto outros enfrentam obstáculos adicionais. Essa disparidade de oportunidades destaca a necessidade de políticas educacionais e sociais que promovam a igualdade de acesso e oportunidades para todos os membros da sociedade.

A Constituição de 1988 no Brasil tornou crime a fala racista, sem a possibilidade de fiança. No entanto, o poder estabelecido no Estado para combater esses crimes muitas vezes falha em garantir à população negra igualdade de oportunidades, como previsto na legislação. A punição, por vezes, passa despercebida diante da influência dos brancos no poder. A escritora Conceição Evaristo (2015) evidencia essa falta de punição em seu conto, destacando a ausência de políticas sociais eficazes no combate ao racismo.

As políticas sociais voltadas para combater o perfil racial, o policiamento discriminatório e promover a equidade nas penas e sentenças na "Justiça Criminal" são insuficientes e falham em abordar as desigualdades raciais. A maioria dos eventos

discriminatórios envolve negros, demonstrando falhas nas políticas públicas de igualdade racial que são aguardadas pelas comunidades.

Um exemplo disso é a qualidade do serviço de saúde. Apesar do Brasil ter um dos melhores sistemas públicos de saúde, as políticas de saúde não são adequadas para abordar as desigualdades raciais no acesso aos serviços e nos resultados de saúde. Os negros muitas vezes precisam mendigar atendimento, enquanto os brancos têm prioridade.

É necessário um trabalho de resistência aberto a receber propostas de melhoria, para que as comunidades possam se unir e encontrar maneiras de garantir os direitos descritos na constituição, mas que muitas vezes são obscurecidos pela justiça e pelos políticos que ignoram a população negra.

A política contemporânea atravessa o Estado, embora não se restrinja a ele, e grupos e movimentos sociais desempenham um papel significativo nesse processo. Suas reivindicações, muitas vezes direcionadas ao poder estatal, incluem a busca por direitos como igualdade, liberdade, educação, moradia, trabalho e cultura. Movimentos históricos, como a luta pela abolição da escravidão e pelos direitos civis, confrontaram as instituições, mas foram moldados em certa medida pela dinâmica jurídico-estatal.

A questão surge: a presença de pessoas negras ou indígenas em posições de poder e destaque seria suficiente para combater o racismo? Para alguns, a representação de minorias nessas posições é vista como prova da meritocracia e como evidência de que o racismo pode ser superado pelo esforço individual e mérito. A defesa da representação negra nas esferas de poder no Brasil é uma causa apoiada por diversos grupos e movimentos sociais que buscam a igualdade racial e a promoção da diversidade e inclusão.

Para Nascimento (1983), partidos políticos e políticos individuais têm se destacado na defesa da representação negra na política e em outras esferas de poder. Além disso, personalidades do mundo artístico e do entretenimento têm utilizado sua visibilidade para apoiar a representação negra e a luta contra o racismo, destacando a importância da diversidade em posições de destaque. Esses esforços refletem a busca por uma sociedade mais inclusiva e igualitária, onde todos tenham a oportunidade de alcançar posições de poder e influência, independentemente de sua raça ou origem étnica.

A presença de negros em posições de poder é vista como um passo importante na superação das desigualdades raciais que historicamente afetaram o Brasil. Essa representatividade pode contribuir para a formulação de políticas públicas mais inclusivas e para a promoção da diversidade em todos os setores da sociedade brasileira. No entanto, essa visão, quase delirante, mas muito perigosa, serve no fim das contas apenas para naturalizar a

desigualdade racial.

O problema da representatividade não é simples e tampouco se esgota nessa caricatura da meritocracia. Não há dúvidas de que a representatividade é um passo importante na luta contra o racismo e outras formas de discriminação, e há excelentes motivos para defendê-la. Quem pode duvidar da importância, para a luta antidiscriminatória, da existência de uma mulher negra em posições na academia, nos meios de comunicação e no judiciário, setores geralmente associados a homens brancos?

O racismo tem, portanto, duas funções ligadas ao poder do Estado: a primeira é a de fragmentação, de divisão no contínuo biológico da espécie humana, introduzindo hierarquias, distinções, classificações de raças. O racismo estabelecerá a linha divisória entre superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte, entre os que devem permanecer vivos e o que serão mortos. (Almeida, 2019, p. 71).

Esse raciocínio ligado ao poder também é trabalhado em certas esferas das sociedades escravistas, onde as leis eram, na maioria das vezes, as vozes dos patrões, dos políticos e das autoridades religiosas. O trabalho do escravo e de seus descendentes era imposto apenas por um contrato estabelecido entre ele e o patrão, e não havia outra garantia senão a palavra. O direito à posse e outras regalias no contrato estavam fora do regimento concedido pelo soberano. Portanto, era dever/obrigação do escravo trabalhar e servir ao sistema.

Apesar de as práticas educativas ainda serem pouco ativas no Brasil, mesmo após a abolição da escravidão, foram essas práticas as responsáveis, talvez, pelo singelo liberalismo que iniciou a desvinculação do poder dos poderosos das leis pelo direito. Claro, esse processo ocorreu de maneira muito tímida e com poucas grandes realizações pelo território brasileiro. Inclusive, o uso de técnicas de repressão através da força estava, por força das leis, sendo destituído, e a formação pelo trabalho começava a ganhar espaço. A forma assalariada se iniciou lentamente, ainda buscando, em tese, manipular os contratos de trabalho, sempre reservando as melhores funções aos brancos ou aos negros escolhidos pelos patrões, com outros interesses que não eram o trabalho como fonte de elevação e graduação para o futuro.

O século XX foi marcado pelo sucesso relativo dos movimentos sociais, embora as lutas pelos ideais de liberdade remontem a períodos anteriores. Esses movimentos foram instituídos através de lutas, muitas vezes armadas, como remanescentes dos tempos de conflitos, evocando figuras como Zumbi, e se espalharam por várias regiões do Brasil. As batalhas contra o racismo surgiram a partir de iniciativas civis, impulsionadas por correntes ideológicas e filosóficas, bem como sociológicas.

Frequentemente, essas lutas eram conduzidas em um clima de tensão, pois enfrentavam o poder estabelecido, que frequentemente era altamente punitivo. Para abordar os problemas

relacionados ao racismo, grupos antirracistas uniram-se com instituições jurídicas, atuando em parceria e com grande energia para garantir a legitimidade dos povos minoritários e, em alguns casos, contribuíram para o desenvolvimento cultural. O surgimento de teorias nestes contextos nos leva a buscar, no futuro, novos parâmetros de discussão e a promover pesquisas e questionamentos sobre o racismo no contexto das políticas públicas, numa tentativa de compreender a questão da cor.

No entanto, essa busca pela liberdade tornou-se, para muitos, uma forma arriscada de vida. Alguns, individualmente, recorriam às autoridades, às vezes sendo punidos com a perda da ação, algo comum, uma vez que não dispunham de argumentos favoráveis à sua liberdade. No entanto, nesses esforços, havia o risco de serem mortos pelo insulto infligido pelo grupo dominante. Além disso, pequenos grupos de negros se isolavam ou fugiam, buscando assim uma condição de não escravidão mais rapidamente.

Cheikh Anta Diop (1974) explora o papel significativo dos africanos no desenvolvimento da civilização mundial. Ele acreditava que reconhecer as contribuições africanas à civilização era fundamental para combater estereótipos e preconceitos negativos sobre a África. É importante enfatizar claramente a busca dos historiadores pelo combate a essas diferenças, que só aumentam e distanciam a cultura negra dos espaços em que vivem os negros. Conforme Diop (1974, p. 160), “Mas eles estarão, doravante, mantidos em cheque e incapazes de ferir um ao outro, graças às cordas amarradas ao redor de seus pescoços e detidas pelos dois personagens simétricos. Isso simboliza a unificação, em linha com uma representação característica comum a Egípcios”

Enquanto outros tentavam e tentam, na contemporaneidade, assumir o papel de ser negro com direitos e garantias, sem perder as tradições culturais. No Brasil, políticas públicas que garantem as ações afirmativas foram implementadas a partir de 2003, com a publicação da Lei 10.639, assinada pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, visando o debate com a população. Contudo, essas garantias precisam do apoio social para serem fiscalizadas. Por exemplo:

- a) lei de cotas: Uma das políticas mais conhecidas é a lei de cotas raciais. Há cerca de uma década, o espaço acadêmico era ocupado majoritariamente por pessoas brancas. Segundo a Universidade de Brasília (UNB), em 2003, os negros representavam apenas 4,3% da universidade, mas em 2019 houve um salto para 48%, demonstrando que essa ação afirmativa foi eficaz para promover a igualdade de acesso. Acredita-se que essa ação tenha mudado relativamente a vida das famílias em relação ao receio de não se encontrarem no espaço acadêmico;

- b) educação para a igualdade racial: A inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar é obrigatória em todas as escolas do país, conforme a Lei nº 10.639/2003. No entanto, um estudo do Instituto Alana revela que 71% das secretarias realizam poucas ou quase nenhuma atividade relacionada à cultura afro-brasileira, enquanto apenas 29% realizam atividades consistentes para a implantação efetiva da lei;
- c) Políticas de Segurança Pública: Busca-se a redução da violência policial contra negros por meio de medidas como a implementação de formação para agentes de segurança.

Independentemente do sexo, o Estado deveria fornecer proteção contra a violência, pois é um direito fundamental. No entanto, para os negros, essa possibilidade tornou-se cada vez menor. Observa-se que os negros estão cada vez mais vulneráveis à violência do que os brancos. Enquanto a taxa de homicídios a cada 100 mil habitantes foi de 13,9 casos entre não negros, entre negros esse número chegou a 37,8, segundo dados da Agência Brasil (2020). É possível concluir que os negros vivem à margem da insegurança promovida pelo Estado.

É importante notar que o combate ao racismo no Brasil é um desafio contínuo e multidimensional, que requer esforços tanto do governo quanto da sociedade civil. Além disso, a eficácia das políticas públicas muitas vezes é debatida e está sujeita a avaliação e ajustes ao longo do tempo para melhor atender às necessidades da população negra do país. Por isso, compreender o conteúdo das políticas públicas é entender que elas não são eternas; existem para combater um problema e, uma vez que a dificuldade seja resolvida, podem ser revistas.

A relevância desta lei para a sociedade não é tirar direitos dos brancos, mas sim garantir acessibilidade àqueles que perderam a oportunidade de serem inseridos na conjuntura social, política e econômica do país, pois são energicamente vítimas de um sistema incapaz de reconhecer a qualidade dos povos negros.

## **1.5 Pintar para Participar**

A economia do país é resultado do trabalho de indivíduos de todas as classes. O pagamento pelo trabalho é o ponto central das teorias econômicas e como organizar isso no contexto do racismo. A partir da situação escravocrata, o negro não recebia pelo seu trabalho para sustentar sua família; ele recebia somente comida como pagamento pela atividade desenvolvida.

Essa condição deveria ser aceita para garantir a permanência no local de origem. Mais tarde, com o surgimento do movimento trabalhista, veio o contrato, pelo qual o patrão assegurava o tempo de trabalho, às vezes por 10, 20, 30 anos dentro do regime. Contudo, o movimento de partilha veio para minimizar o contraste "só comida", e o trabalho passou a ter significado economicamente. Mesmo assim, a maior parte da produção era voltada para os empresários.

As teorias sempre deixam algo a ser questionado, principalmente em relação ao pagamento de salários para brancos e negros. A diferença é justa? Se o esforço não é diferente. De acordo com Barros (2002), o conhecimento educacional coloca em xeque a diferença salarial entre brancos e negros. Os negros têm em média 8,7% do salário por hora trabalhada com um ano a mais de estudo, enquanto os brancos recebem 12,2%. Conclui-se, portanto, que os brancos valem mais do que os negros por cada ano de estudo.

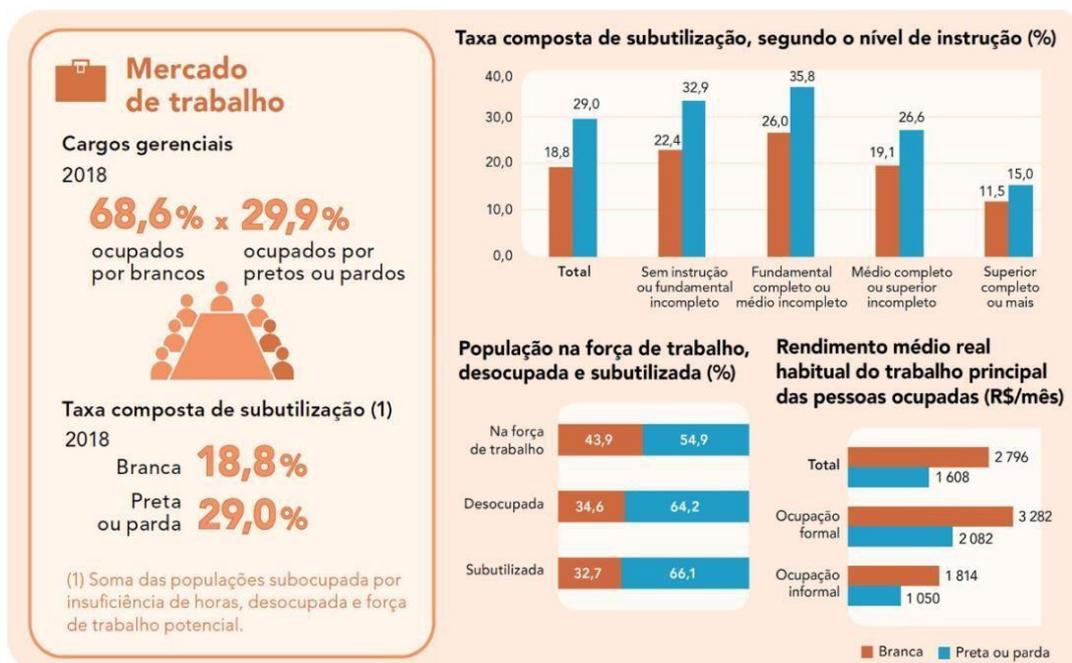
Nesse mesmo sentido, Campante (2004) revela que o setor público é mais relevante para o negro do que o setor privado. Justifica-se que no setor público há uma seleção, enquanto no privado não há estabilidade, o que resulta em salários menores e o risco de demissão a qualquer momento. Portanto, a desigualdade salarial será maior de acordo com os anos a mais de estudo.

Alguns exemplos, como morar em favelas, ter uma casa humilde e não receber uma educação de qualidade, tornam mais difícil para os negros conseguirem trabalho. Quando se deparam com o sistema de saúde, muitas vezes não avançam e acabam sendo esquecidos nas filas e corredores, pois o sistema possui uma carga racista.

Fica evidente que o capitalismo racista prejudica e impede o crescimento econômico. A educação precisa proporcionar uma igualdade de oportunidades entre brancos e negros. O Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, com sua eficiência, apresenta um gráfico que evidencia as diferenças sociais entre brancos e negros, o que entristece os brasileiros, especialmente considerando que os negros são maioria no território nacional.

Gráfico 1- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua



**Fonte:** INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E PESQUISA. Indicadores sociais, pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua. Rio de Janeiro, 2018.

Esses números mostram a disparidade construída ao longo do processo de colonização e persistem, conforme o gráfico, em todas as camadas sociais. O racismo se manifesta pela cor e considera a produção do negro como inferior devido ao seu comportamento no mercado de trabalho. A aparência causa repulsa desde o início da concepção e persiste até os dias atuais, contrapondo-se a regras irracionais tanto em setores públicos quanto privados.

A diferenciação das práticas surge da intenção de excluir as minorias do mercado, utilizando o capital humano negro como mão de obra mais barata. A visão de lucro arbitrário explora o negro para o mesmo trabalho que os brancos, sem oferecer oportunidades de escolha, perpetuando o julgamento de que são menos intelectuais e morais.

## CAPÍTULO II

### 2 A FORÇA DE UMA GUERREIRA

Conceição Evaristo, nascida em Minas Gerais, filha deste estado, veio ao mundo em 29 de novembro de 1946. Essas informações foram provavelmente fornecidas pela mãe, Joana Josefina Evaristo, no momento do registro. A autora acredita que sejam verdadeiras, pois naquela época os pais muitas vezes registravam seus filhos com dias, meses ou até mesmo anos de atraso. Às vezes, devido a eventos como casamentos, os pais adiantavam a idade da criança. Ela conta que a mãe, hoje com 85 anos, nunca foi uma pessoa de mentir.

Ela ainda relata que sua mãe foi sozinha fazer seu registro de nascimento, levando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Era uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda, filha da senhora tal, que era ela própria.

Conta que esse registro de nascimento esteve com ela durante muito tempo. O que chamava sua atenção desde pequena era essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. De acordo com Fernandes e Souza (2016, p.109), ser negro no Brasil é uma condição objetiva em que, a partir de um estado inicial definido pela cor de pele e pelo passado, o negro é constantemente remetido a si mesmo pelos outros. O pardo é o estágio de transição entre negros, indígenas e brancos, movendo-se em direção à branquitude. Segundo Valéria (2014), a branquitude deve ser objeto de amplo debate político e científico sobre o racismo. É necessário expor esses estudos e entender a posição daqueles que se consideram brancos para compreender o racismo.

Nesse sentido, ser negro é associado à escravidão, à falta de afeto, ao trabalho braçal, à pobreza e à criminalidade, enquanto ser indígena está relacionado à selvageria, à incivilidade e à preguiça. Portanto, é natural que o pardo tente se embranquecer. Evaristo sempre foi precisa em caracterizar-se como negra.

A autora conta que o pai foi uma figura pouco presente. E por isso ficava pensando: "Minha mãe indo pelas ruas sozinha até o cartório para fazer meu registro." Isto remoía por dentro. Algumas lembranças da figura daquele homem que vivia com minha mãe. Ele se chamava Aníbal Vitorino e sua profissão era pedreiro. Quando chegou à nossa casa, minha mãe cuidava de suas quatro filhas sozinha: Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo, Maria da Conceição Evaristo e Maria de Lourdes Evaristo.

Bons tempos, o de nós meninas, claro, em se tratando de Minas Gerais, lugar bonito,

produtivo, próspero. Minha mãe se constituiu, para mim, como algo mais doce de minha infância. O que mais me importava era a sua felicidade. Um misto de desespero, culpa e impotência me assaltava quando eu percebia os sofrimentos dela. Minha mãe chorava muito, pelas dificuldades do momento, praticamente por ser de classe baixa e ter que sustentar tantas pessoas, hoje não. Tem uma velhice mais tranquila. Meu padrasto completou 86 anos e vive ao lado dela. (Conceição Evaristo Em depoimento, no I Colóquio de Escritoras Mineiras, em 2009).

Em *Becos de Memória*, Salles (2018) fala que Conceição tinha família bem numerosa, ao todo eram nove filhos. A ausência de um pai foi dirimida um pouco pela presença de meu padrasto, mas, sem dúvida alguma, o fato de eu ter tido duas mães suavizou muito o vazio paterno que me rondava. Na ansiedade de sanar algumas dificuldades, aos sete anos, fui morar com a irmã mais velha de minha mãe, minha tia Maria Filomena da Silva. Ela era casada com Antônio João da Silva, o Tio Totó, viúvo de outros dois casamentos. Não tiveram filhos. Fui morar com eles, para que a minha mãe tivesse uma boca a menos para alimentar. Os dois passavam por menos necessidades, meu Tio Totó era pedreiro e minha Tia Lia, lavadeira como minha mãe. A oportunidade que eu tive para estudar surgiu muito da condição de vida, um pouco melhor, que eu desfrutava em casa dessa tia. As minhas irmãs enfrentavam dificuldades maiores.

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa.

Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos.

Conseguir algum dinheiro com os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós. E no final da década de 60, quando o diário de Maria Carolina de Jesus, lançado em 58, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos

sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos.

## 2.1 A Literatura numa Vida Tímida

Ao iniciar a leitura da literatura seguindo os passos Maria da Conceição Evaristo de Brito, observamos que Belo Horizonte, ganhou prazeres na sua escrita. Ela origem humilde, e formas simples de dizer a vida, vai para o Rio de Janeiro nos anos de 1970. Já na época Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), esteve ligada como educadora da rede pública de ensino da capital fluminense. Por volta de 1976, Conceição iniciou a graduação em letras na (UFRJ), mas teve de interrompê-la em 1980, já prestes a se formar, por conta do nascimento de sua filha Ainá, portadora de uma síndrome genética que comprometeu o seu desenvolvimento psicomotor. A escritora veio a retomar o curso e finalizá-lo em 1989, quando Ainá completou 9 anos de idade. Esse exemplo nos deixa ainda mais distante da realidade, muitas adolescentes e mulheres em idade escolar, são obrigadas a essa penúria de deixar a escola. Isso mostra a realidade do universo do negro brasileiro.

No caso do Brasil, o racismo contou com a inestimável participação das faculdades de medicina, das escolas de direito e dos museus de história:

natural, como nos conta Lilia Schwarcz em seu livro O espetáculo das raças. Já no século XX, na esteira do Estado Novo, o discurso socioantropológico da democracia racial brasileira seria parte relevante desse quadro em que cultura popular e ciência fundem-se num sistema de ideias que fornece um sentido amplo para práticas racistas já presentes na vida cotidiana. No fim das contas, ao contrário do que se poderia pensar, a educação pode aprofundar o racismo na sociedade. Sobre o racismo científico e a relação entre raça e biologia, o desenvolvimento do capitalismo e os avanços tecnológicos da sociedade industrial fizeram emergir um tratamento mais sutil, mais “fino”, da questão racial, como nos demonstra Fanon em “Racismo e Cultura” (Ribeiro, 2019, p.45)

Mesmo com a diversidade de legislações voltadas à inclusão do negro nas universidades e aos cursos de maior relevância, o isolamento se torna cada vez mais vulnerável do ponto de vista econômico. Por exemplo, na citação acima, a autora mostra claramente a dificuldade de entrada de um aluno negro ser aceito pela faculdade de Medicina, dada o alto custo imposto pelas instituições de ensino. Neste caso, o aluno negro enfrenta ainda o preconceito decorrente das discriminações anteriores sofridas por mulheres e homens negros. Não há equidade quando se fala em "Negros".

Conceição Evaristo possui um currículo invejável, sendo Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação "Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade" (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese "Poemas malungos, cânticos irmãos" (2011), onde faz um estudo sobre as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a obra do angolano Agostinho Neto.

Maria da Conceição Evaristo tem dedicado sua vida à cultura negra, imersa nos movimentos intensos de valorização da cultura em todos os seus espaços. Nesse sentido, surgiram publicações de contos e poemas na série Cadernos Negros.

A escritora, com sua habilidade na escrita, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. A presença de seus textos tem dado voz a uma legião de leitores cada vez mais ávidos por justiça para as Marias que sofreram nas mãos de pessoas sem um pinga de empatia pela mulher. Sem dúvida, sua passagem por vários países como Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos com seus contos e sua história, ecoa no Brasil de uma forma e deveria ser mais aplaudida pelos seus ícones.

Seus contos têm sido estudados em universidades brasileiras e estrangeiras, sendo objeto da tese de doutorado de Fernanda Felisberto da Silva, aprovada em 2011, que realiza um estudo comparativo entre duas vertentes brasileiras: Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, com o objetivo de renovar cada vez mais o compromisso com a literatura e o povo negro. Além disso, em 2003, ela publicou o romance "Ponciá Vicêncio" pela Editora Mazza, de Belo Horizonte.

O conto "Maria", relatado por Conceição Evaristo, apresenta uma narrativa linear marcada por desafios e desafetos, movendo-se entre um passado e um presente meio revolucionário. Ele não apenas suscita discussões críticas, mas também esclarece ao público a necessidade da busca pela retomada democrática da justiça.

O livro é incluído nos planos escolares do ensino médio e nos vestibulares de universidades brasileiras, além de ser objeto de artigos e dissertações acadêmicas. Evaristo não desaponta na construção de suas obras.

Em 2006, ela lança o segundo romance, "Becos da Memória", que trata, com o mesmo realce poético comparado à obra anterior, da falta de memória dos agentes da justiça e da sociedade em relação à mulher negra. Mais uma vez, o protagonismo da ação cabe à figura feminina, símbolo de resistência à pobreza e à discriminação. Sua obra "Ponciá Vicêncio" é lançada nos Estados Unidos e traduzida para o inglês pela Host Publications.

Após os lançamentos, vários eventos foram realizados para demonstrar a grandiosidade da obra de Conceição Evaristo, como palestras da escritora em diversas universidades norte-

americanas. Nessas ocasiões, ela mantém sua linha de denúncia da condição social dos afrodescendentes, porém inscrevendo-a num tom de sensibilidade e ternura próprios de seu lirismo, que revela um minucioso trabalho com a linguagem poética.

Um dos marcos de Conceição Evaristo é o lançamento do volume de contos "Insubmissas Lágrimas de Mulheres", de onde emergem vozes de mulheres negras que, num trabalho de reconstrução da memória individual, contam histórias pessoais de grande superação do sofrimento que experimentaram no passado. Mais uma vez, Evaristo trabalha o universo das relações de gênero marcado pelo racismo e pelo sexismo. A autora apresenta em sua obra um feminismo pensado para as mulheres negras, cujo posicionamento foi esquecido por muito tempo. Para Evaristo (2018), a teoria feminista no Brasil não iniciou seus estudos pensando na raça e no gênero, e, assim, deixou-se de lado as mulheres negras, já que estas não se inseriam nas mesmas reivindicações e ideologias das feministas brancas.

Caldwell (2000, p. 94) argumenta que isso se deve à lentidão com que as brasileiras perceberam a relação entre “o estudo da raça e os estudos sobre mulheres e a teoria feminista”. Nesse sentido, observamos que a discussão sobre raça não existia devido à ausência das mulheres negras nas universidades, devido às poucas oportunidades e à discriminação. A teoria estava voltada para as mulheres brancas, que foram as primeiras na história a terem acesso à educação formal e, posteriormente, a se tornarem pesquisadoras, sendo, portanto, privilegiadas hoje.

Ao longo do texto, fica evidente que a mulher negra tem sido colocada em uma posição de inferioridade em relação ao homem e à mulher branca. Pois, conforme nossas observações, faltam respostas aos questionamentos feitos pela mulher negra em relação ao repúdio a esse outro, pois a mulher é sempre vista pelo olhar do homem em segundo plano. Nessa relação, há um desequilíbrio significativo que impede a igualdade moral entre a mulher negra e a mulher branca.

A posição da mulher branca pouco se altera, pois ao longo da história, os brancos sempre buscaram tratar os negros de forma desigual, negando-lhes a oportunidade de colocar em prática o conhecimento histórico de luta por seu reconhecimento. Como uma prática de rejeição aos negros, surgiram no Brasil os exames de admissão nas escolas de ensino fundamental, que eram comuns principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Esses exames eram utilizados como critério de seleção para ingresso em escolas públicas de maior prestígio ou para garantir vagas em escolas populares devido à falta de espaço.

Dados indicam que medidas foram implementadas para desacelerar o combate a esses exames. Gradualmente, eles foram substituídos por políticas de acesso mais inclusivas e

igualitárias. Na década de 1990, o Brasil promulgou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que estabeleceu diretrizes para o sistema educacional e proibiu a realização de exames de admissão nas escolas públicas de ensino fundamental, tornando o acesso à educação mais democrático:

Gestos me posicionam como “Outra” quando na padaria a mulher branca ao meu lado tenta ser atendida antes de mim. Ações me colocam como “Outra” quando sou monitorada pela polícia assim que chego a uma estação de trem. Olhares me colocam como “Outra” quando as pessoas olham fixamente para mim. Toda vez que sou colocada como “Outra”, estou experienciando o racismo, porque eu não sou a “Outra” Eu sou eu mesma (Ribeiro, 2012, p. 80).

É importante nacionalizar a expressão anterior, desenvolvendo expectativas para tornar o autoconhecimento uma capacidade inerente de gerir quem você é e ter a possibilidade de crescimento pessoal. Evidenciar essa conquista e trabalhar coletivamente para mudar esse conceito do "outro" é fundamental. Portanto, desde a década de 1990, a prática de exames de admissão em escolas de ensino fundamental no Brasil tem sido desencorajada e, em sua maioria, eliminada, com o objetivo de promover o acesso universal à educação básica.

A partir disso, as mulheres negras mostraram que a falta de atenção à relação entre a dominação racial e a de gênero escondeu a cumplicidade de mulheres brancas com seu privilégio racial e reforçou o status subalterno das mulheres negras. Experiências como maternidade, estupro, espancamento, reações machistas diante da homossexualidade feminina e envelhecimento são algumas das experiências mais sofridas transformadas em contos, que levam a sociedade a buscar cada vez mais derrubar o preconceito contra as mulheres negras no contexto social brasileiro.

O trabalho literário de Conceição Evaristo é marcado pelo uso da junção de vocábulos que geram, a partir da leitura, novas palavras e significados. Sua construção com a palavra sempre volta-se para o passado, recuperando raízes que entrelaçam o passado com a projeção para o futuro, fazendo reviver fatos e experiências que permeiam sua obra e têm relevância na sociedade, dando origem a novos significados.

Durante sua formação, Conceição Evaristo encontrou identificação com sua mãe por meio da leitura de "Quarto de Despejo" de Carolina de Jesus (1960), que se tornou seu livro de cabeceira. Esse livro retratava a realidade vivida por famílias como a sua, algo comum para aqueles que viviam em condições desfavorecidas, conforme ela conhecia bem.

Essas lembranças foram guardadas e, anos mais tarde, se refletiram em seus primeiros escritos. Conceição Evaristo vê na obra de Carolina de Jesus um exemplo de criação de uma cultura literária a partir da experiência da favela, expressa através de diários que relatavam a miséria enfrentada pela família no dia a dia.

Apesar do ambiente familiar extremamente rígido e áspero, a educação escolar sempre foi valorizada. Todos os irmãos de Conceição frequentaram escolas públicas. Sua mãe, zelosa e desejosa de que os filhos aprendessem a ler, os matriculou no Jardim de Infância Bueno Brandão e no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, duas escolas públicas que atendiam principalmente à classe alta de Belo Horizonte. Mesmo que houvesse opções mais próximas de sua residência, sua mãe optou por essas escolas, pois já naquela época, as escolas situadas nas zonas vizinhas às comunidades pobres ofereciam um ensino de qualidade inferior.

Conceição Evaristo recorda que durante sua trajetória no Curso Primário, deparou-se com práticas pedagógicas que favoreciam alguns alunos em detrimento de outros, destacando ainda mais sua condição de negra e pobre. Ela descreve de forma vívida o prédio da escola, com dois andares distintos. No andar superior, estavam os alunos mais destacados, os que recebiam medalhas, os que não repetiam de ano, os que participavam das festas e dançavam, além das meninas que coroavam Nossa Senhora. No entanto, ela observou que mesmo no ensino religioso obrigatório, os anjos eram sempre representados como "loiros", levantando questionamentos sobre essa representação predominante.

Passando a maior parte do Curso Primário nas classes do porão, Evaristo reflete sobre essa segregação, estabelecendo uma conexão simbólica com os porões dos navios negreiros mencionados no poema "Navio Negreiro" de Castro Alves. Apesar disso, sua dedicação aos estudos possibilitou que ela fosse bem aprovada da terceira para a quarta série. Entretanto, quando chegou o momento de ser promovida para as salas do andar superior, Evaristo enfrentou resistência por parte dos professores, que não viam com bons olhos a presença de uma aluna negra nesse ambiente privilegiado.

Conceição Evaristo recorda que sua postura desafiadora e sua participação ativa em eventos escolares, concursos de leitura e redação, e coros infantis, mesmo sem convites formais, geravam desconforto em alguns professores, mas também conquistavam a simpatia de muitos outros. Além disso, ela enfatiza a constante vigilância e cobrança de sua mãe à escola, frequentando reuniões e não hesitando em expressar sua opinião, mesmo diante do silêncio imposto às mães pobres.

Evaristo destaca que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), "o exame de admissão tinha como objetivo verificar se o candidato possuía uma educação primária satisfatória para ingressar na primeira série ginasial". Esse exame poderia ser realizado por meio de provas ou limitar-se à verificação da autenticidade e idoneidade do certificado de aprovação em curso primário, reconhecido e fiscalizado pela autoridade competente, conforme descrito na Circular nº 973 de 1965.

Conceição Evaristo conquistou seu primeiro prêmio literário em 1958, ao vencer um concurso de redação no final do ensino primário, com o tema "Por que me orgulho de ser brasileira". Embora sua redação tenha sido reconhecida pela sua beleza, houve discordâncias em relação ao prêmio, pois nunca antes um aluno negro o havia recebido. Sua passagem pela escola não foi marcada por um comportamento bem-comportado esperado de uma menina negra e pobre, nem de sua família, que não tolerava chacotas. O sofrimento vivenciado no tempo trazia uma conscientização difusa sobre sua condição de pessoa negra, pobre e proveniente de uma favela.

Conceição recorda-se do período de sua infância, quando morava com sua família e um tio, Osvaldo Catarino Evaristo, que serviu à pátria lutando na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Após retornar ao Brasil, ele foi oferecido um cargo de servente na Secretaria de Educação, mas ao longo dos anos ele desenvolveu seus talentos como poeta, desenhista e artista plástico, além de ser um questionador consciente da situação dos negros brasileiros. Seu tio desempenhou um papel crucial ao ajudá-la a compreender os desafios enfrentados pelos negros e a buscar formas de resistência.

Após concluir o ensino primário, Conceição cursou o ginásio, embora com interrupções, e aos 17 anos começou a se envolver em discussões sobre a realidade social brasileira, especialmente ao ingressar no movimento da Juventude Operária Católica (JOC). Esse grupo, assim como outros grupos católicos, promovia reflexões visando envolver a Igreja com a realidade brasileira. No entanto, as questões étnicas só se tornaram objeto de grandes discussões na década de 70, quando Conceição decidiu conhecer e viver no Rio de Janeiro.

A chegada ao Rio de Janeiro por volta de 1973 foi um passo importante para Conceição Evaristo, que se mudou com a ajuda de amigos e buscou novas oportunidades na antiga Estado da Guanabara. Após concluir o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais em 1971, ela enfrentou um período difícil marcado pelo desfavelamento de sua comunidade, que a enviou para a periferia da cidade. Essa realocação, longe do centro de Belo Horizonte, apenas aprofundou a pobreza e a falta de esperança para muitas famílias, incluindo a dela.

Com um diploma de professora em mãos e sem perspectivas de trabalho em Belo Horizonte, Conceição decidiu partir para o Rio de Janeiro. Na época, entrar na carreira de magistério dependia de indicação, e as relações com famílias mais abastadas não ofereciam muitas oportunidades. No entanto, foi nos bastidores de seu trabalho em casas de pessoas ricas, incluindo alguns escritores e seus familiares, que ela teve contato com a leitura literária. Desde cedo, Conceição demonstrou uma afinidade natural com as palavras, aprendendo a ouvir, juntar e organizar narrativas em um ambiente onde histórias eram constantemente compartilhadas.

Apesar das condições precárias de sua casa, que era carente de bens materiais, Conceição Evaristo foi criada em um ambiente rico em palavras. Sua mãe, tia, tio e vizinhos compartilhavam histórias que inspiravam prosa e poesia, cultivando assim seu amor pela literatura desde tenra idade. Essa imersão em narrativas e expressões artísticas foi fundamental para o desenvolvimento de seu talento literário e seu compromisso com a escrita.

A influência da leitura e da escrita na vida de Conceição Evaristo foi profundamente marcante, mesmo em um ambiente familiar onde a maioria das pessoas tinha apenas um nível básico de alfabetização. Mesmo com todas as dificuldades, a leitura e a escrita eram valorizadas, e livros velhos, revistas e jornais eram encontrados em casa, muitas vezes por meio de doações. Nas noites de leitura em família, sua mãe ou tia folheavam o material impresso e traduziam as mensagens, e à medida que Conceição crescia e desenvolvia suas habilidades de leitura, ela se tornava a leitora para todos.

Aos onze anos, ganhou acesso a uma biblioteca inteira, a pública, quando uma de suas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Esse espaço se tornou seu refúgio, onde ela buscava respostas para suas perguntas e onde também encontrava inspiração para escrever bilhetes, anotações familiares e orações. A leitura permitia que ela voasse para além das limitações de sua realidade.

Nos trabalhos de redação da escola, Conceição muitas vezes se via limitada pela sua experiência de vida, já que os temas propostos pelos professores, como "Onde passei minhas férias" ou "A festa de meu aniversário", não refletiam sua própria realidade de pobreza econômica e limitações físicas. No entanto, ela nutria dentro de si um desejo profundo de mudança, alimentado pela força de vontade de uma jovem determinada a superar sua situação.

Apesar das dificuldades, ela encontrava beleza e significado nas pequenas coisas ao seu redor: as flores do jardim, as frutas dos pés, os bolinhos de comida feitos pela mãe, as bonecas de capim e as histórias contadas pelas pessoas ao seu redor. Esses detalhes da vida cotidiana foram incorporados à sua escrita, que ela via como uma tentativa de recuperar e dar significado ao vivido.

Dalcastagnè (2001, p. 15), ressalta uma lacuna significativa na literatura brasileira contemporânea: a ausência de representação dos pobres e dos negros. Esses grupos, que foram os mais marginalizados e oprimidos ao longo da história do Brasil, têm sido negligenciados na literatura, perpetuando assim o preconceito e a exclusão social.

Conceição Evaristo, por meio de sua escrita, busca ocupar esse espaço vazio na literatura, trazendo à tona as vozes e as experiências das Marias e Natalinas que lutam para serem ouvidas e reconhecidas. O conto "Quantos filhos Natalina teve?" é um exemplo disso,

revelando as injustiças e violências enfrentadas pelas mulheres negras e pobres no país.

Um dos graves problemas da literatura brasileira, quiçá também da latino-americana, apontados por Conceição Evaristo (2005, p. 202), incide no apagamento do tema da maternidade em afrodescendentes. Para a escritora, “o corpo da mulher se salva pela maternidade”, porém a falta de representação materna para a mulher negra leva-a a questionar se a literatura e a história estão “ocultando os sentidos de uma matriz africana”.

Todavia, quando escreve, é como se colocasse no papel o sofrimento de cada ser em agonia. Um depoimento em que as imagens se confundem, observando-a agora a puxar uma menina pelas ruas de Belo Horizonte e como a escrita e o viver se confundem. Por meio dessa escrevivência, Conceição Evaristo resgata lembranças de tempos passados que permanecem presentes na memória, refletindo as experiências dolorosas recentemente vividas.

A "escrevivência" de Evaristo é uma técnica literária que vai além da ficção, integrando as experiências pessoais e coletivas de mulheres negras em suas narrativas. Essa abordagem dá voz a um grupo historicamente silenciado e traz à tona questões cruciais como o racismo, o sexismo e a marginalização socioeconômica. A autora não apenas escreve sobre o sofrimento, mas também sobre a resistência e a resiliência das mulheres negras, criando um espaço literário onde suas histórias podem ser contadas e reconhecidas.

Evaristo observa como a maternidade, uma experiência central para muitas mulheres, é frequentemente ignorada ou mal representada quando se trata de afrodescendentes. Ao destacar essa omissão, ela questiona a integridade da narrativa histórica e literária dominante, sugerindo que essa lacuna pode ser uma tentativa de apagar as influências e contribuições africanas à sociedade brasileira.

O depoimento de Evaristo, ao fundir memórias pessoais com a realidade de muitas outras mulheres, cria uma narrativa poderosa que transcende o individual e se torna coletiva. Ao descrever suas próprias experiências, como puxar uma menina pelas ruas de Belo Horizonte, Evaristo evoca um senso de continuidade e conexão com as gerações passadas e futuras, reafirmando a importância de recordar e honrar a história vivida. Essa abordagem não só enriquece a literatura brasileira, mas também oferece uma plataforma para a visibilidade e valorização das vozes negras femininas.

Quando a clareira do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Eu ainda não tinha certeza o que era, os pingos de água, o vento que zunia aos meus ouvidos, se tornaram poesia. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo isso causava uma comoção maior, em saber como trabalhar com leitura, a pobreza, e a discriminação.

## 2.2 O Registro

Margareth Artur (2021) expõe que Conceição Evaristo é uma das maiores personalidades da literatura contemporânea feminina brasileira, homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Prêmio Jabuti, em 2019, cujas obras resgatam a ancestralidade e recuperam a genealogia “negro-brasileira”, retratando o cotidiano das mulheres negras, os preconceitos que enfrentam nos âmbitos social, cultural e político.

A literatura negro-brasileira é um instrumento de concretização para o não colonialismo, a “decolonialidade”, na medida em que as mulheres se “autorrepresentam e autoficcionalizam-se”, pois, falar de si, é falar do coletivo. Para discutir essas questões, os pesquisadores Rayron Lennon Costa Sousa e Risoleta Viana de Freitas, em um artigo na Revista Criação & Crítica, tomam como base o conto da escritora intitulado Olhos d’água.

Com base em sua escrita, Conceição Evaristo (2021) percebe a necessidade de uma leitura que reconheça a existência de uma cultura negra que transcenda barreiras nacionais, abrangendo uma dimensão mais ampla. Isso inclui as pessoas negras norte-americanas e aquelas das ex-colônias africanas, características do Movimento Negro contemporâneo, que se dedica à criação de uma identidade negra positivada com um sentido político capaz de enfrentar o racismo dominante.

Conceição, ao relatar sua interpretação da vida e sua percepção de identidade desde a infância, utiliza um recurso narrativo que oferece uma importante pista sobre o sentido geral de seu depoimento. A afirmação de que “sempre soube” que era negra nos convida a refletir sobre a construção da identidade racial no Brasil. Muitas pessoas se identificam como negras com base em sua ascendência africana, características físicas, cultura e/ou identificação pessoal. No entanto, essa definição nunca é exata, e quem é considerado negro pode variar de acordo com a perspectiva individual e a percepção da sociedade brasileira sobre a raça.

Afirmar-se negra em oposição à denominação parda, presente em documentos oficiais, constitui um ato contestatório realizado já na infância. Mais do que simplesmente saber que era negra desde pequena, Conceição Evaristo afirma perceber-se como negra desde sempre. Este ato de autodeclaração e resistência é significativo, pois a história do negro no Brasil é complexa e multifacetada, como discutido por diversos estudiosos.

A obra de Conceição Evaristo revela essa complexidade e a necessidade de uma reavaliação das narrativas dominantes. Ela enfatiza a importância de uma identidade negra afirmativa e a luta contra o apagamento cultural e histórico. Essa perspectiva está alinhada com os objetivos do Movimento Negro contemporâneo, que busca revalorizar a cultura negra e

enfrentar o racismo estrutural.

Para Evaristo, essa luta não é apenas uma questão de reconhecimento individual, mas também uma questão de justiça histórica e social. Ao escrever sobre sua experiência e a de outros negros, ela contribui para a construção de uma memória coletiva que desafia as narrativas oficiais e oferece uma visão mais completa e verdadeira da contribuição negra para a sociedade brasileira e mundial.

A história do negro é muito complexa:

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência. É uma qualificação política que se aproxima da definição norte-americana. Nos EUA não existe pardo, mulato ou mestiço e qualquer descendente de negro pode simplesmente se apresentar como negro. Portanto, por mais que tenha uma aparência de branco, a pessoa pode se declarar como negro (Munanga, 2008, p. 59).

Na mesma conjuntura da afirmação de Munanga sobre a identidade negra, entra-se em um campo que causa várias polêmicas no Brasil: as cotas raciais. As cotas são um tema que suscita debates acalorados e divergências de opinião. Há pouco entendimento sobre o propósito e a importância dessas políticas, e Munanga (2008) declara que:

Se um garoto, aparentemente branco, declara-se como negro e reivindicar seus direitos, num caso relacionado com as cotas, não há como contestar. O único jeito é submeter essa pessoa a um teste de DNA. Porém, isso não é aconselhável, porque, seguindo por tal caminho, todos os brasileiros deverão fazer testes. E o mesmo sucederia com afro-descendentes que têm marcadores genéticos europeus, porque muitos de nossos mestiços são euro-descendentes (Munanga, 2008, p. 2798).

Munanga destaca que as cotas são uma resposta à dívida histórica que o Brasil tem com a população negra, uma dívida que se originou com a escravidão e persiste através do racismo estrutural. Ele argumenta que, sem medidas como as cotas, a desigualdade racial se perpetua, impedindo que negros tenham as mesmas oportunidades que brancos em diversos âmbitos, especialmente na educação superior e no mercado de trabalho.

As cotas raciais são uma forma de ação afirmativa necessária para corrigir desigualdades históricas e sociais enfrentadas pela população negra. Elas não são uma concessão ou um privilégio, mas uma compensação justa por séculos de exclusão e discriminação. As cotas visam proporcionar igualdade de oportunidades em um contexto onde o racismo estrutural ainda limita o acesso da população negra a espaços de poder, educação e mercado de trabalho. O debate sobre as cotas raciais no Brasil é complexo e envolve questões de mérito, justiça social, e identidade racial. Para muitos, as cotas são vistas como uma maneira de reparar injustiças históricas e promover uma sociedade mais equitativa. No entanto, há quem argumente que essas políticas são discriminatórias ou

ineficazes.

Conceição Evaristo, em sua escrita, frequentemente toca na importância de reconhecer e valorizar a identidade e cultura negras, além de destacar a necessidade de políticas que promovam a inclusão e a equidade. A partir de suas experiências pessoais e observações, ela corrobora a visão de Munanga sobre a importância das cotas e outras formas de ação afirmativa para criar uma sociedade mais justa e igualitária.

Essa posição reflete a luta contínua por reconhecimento e igualdade, um tema central na obra de Evaristo e no movimento negro como um todo. As cotas raciais, nesse sentido, não são apenas uma política de inclusão, mas um passo crucial na construção de uma sociedade que reconheça e celebre a diversidade e a igualdade de todas as suas cidadãs e cidadãos.

Os desafios são emergentes frente as necessidades não só dos negros pobres, mas segundo Munanga de compartilhar esse documento e enxergar que as cotas não irão ser permanente. Porém precisamos buscar alternativas para os brancos pobres que sofrem na mesma proporção na atual realidade. Ele discorre colocando seu melhor posicionamento sobre a importância das cotas: “Para mim, as cotas são uma medida transitória, para acelerar o processo. No entanto, julgo que não somente os negros, mas também os brancos pobres têm o direito às cotas. Se as cotas forem adotadas, devem ser cruzados critérios econômicos com critérios étnicos. Porque meus filhos não precisam de cotas, assim como outros negros da classe média”.

Desde cedo, Conceição Evaristo percebeu a divisão de classes que impunha a ela e a sua família um constante embate, no qual a maioria das pessoas devia favores aos mais afortunados. A autora questionava como resistir e sobreviver em uma sociedade onde os de classe baixa eram frequentemente submetidos aos caprichos de uma pequena elite dominante. Em um trecho, Evaristo (2010) comenta sobre a "questão de classe e a percepção de si não apenas como negra, mas como subalterna".

O cotidiano de trabalho pesado, como o processo de lavar roupas na comunidade, era um símbolo dessa subalternidade. As lavadeiras esfregavam as roupas contra as lajes de pedra, e as mãos que antes eram firmes no esfrega-torce e no passa-dobra das roupas se tornavam trêmulas diante do olhar vigilante das patroas, temendo perder ou trocar alguma peça. Essas mãos obedeciam a uma voz autoritária, onde uma mulher pedia e a outra entregava.

E quando eu, menina, testemunhava as toalhinhas embebidas de sangue, imaginando como seria o dia a dia dessas mulheres e, em reflexões mais profundas, pensava como seria a sua vez. A visão dessas roupas tingidas de sangue era uma metáfora poderosa para o trabalho árduo e a opressão enfrentada pelas mulheres negras em sua comunidade. Isso não só refletia a

dureza do trabalho físico, mas também a violência simbólica e real que permeava suas vidas. Esta percepção precoce da desigualdade e da subalternidade moldou a visão de mundo de Evaristo e sua escrita.

Ela utiliza suas experiências para explorar temas de raça, classe e gênero, destacando a interseccionalidade dessas opressões. A sua obra é um testemunho vivo das dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras e pobres no Brasil, e uma poderosa denúncia contra as estruturas sociais que perpetuam essas injustiças.

A partir de suas observações e vivências, Evaristo desenvolveu uma consciência crítica sobre sua identidade e posição social. Sua escrita não apenas narra essas experiências, mas também as transforma em uma ferramenta de resistência e empoderamento. Ela busca, através de sua literatura, dar voz àqueles que historicamente foram silenciados, criando um espaço para que as histórias das mulheres negras sejam ouvidas e valorizadas.

Conceição Evaristo, em suas memórias e narrativas, retrata de forma poderosa a desigualdade de classes e o impacto profundo dessa realidade em sua percepção e entendimento do mundo. Observando o trabalho árduo e humilhante das mulheres de sua família, Evaristo testemunhava as mãos trêmulas das lavadeiras, que temiam cometer erros sob a vigilância rigorosa de suas patroas. Essas experiências moldaram seu entendimento sobre a opressão e a subalternidade das mulheres negras e pobres.

Evaristo descreve como, mesmo nas condições mais difíceis, as mulheres de sua família mantinham seus humores íntimos em segredo, protegendo sua dignidade. Ela lembra que, enquanto menina, não conhecia o sangramento menstrual de nenhuma delas, e isso contrastava com as roupas sujas das madames, que chegavam para lavagem com manchas de sangue menstrual. A incompreensão da jovem Evaristo sobre essas manchas refletia a falta de conhecimento das meninas da periferia sobre os corpos das mulheres ricas, levando-a a imaginar, por um período, que as mulheres ricas urinavam sangue ocasionalmente.

Essa percepção revela mais do que apenas um mal-entendido infantil; ela expõe a enorme distância social e cultural entre as classes e a falta de acesso à informação básica sobre o corpo e a saúde que as meninas da periferia enfrentavam. A justiça social e a literatura se entrelaçam nas obras de Evaristo, destacando essas disparidades e oferecendo uma crítica contundente à sociedade.

A trajetória de Conceição Evaristo é marcada pela sua capacidade de transformar essas experiências dolorosas e injustas em uma narrativa poderosa que busca dar voz às mulheres negras e pobres. Sua literatura é uma forma de resistência e um grito por justiça, destacando a importância de reconhecer e valorizar as histórias dessas mulheres, que frequentemente são

ignoradas ou silenciadas. Ao compartilhar essas histórias, Evaristo não só denuncia as desigualdades, mas também celebra a resiliência e a força das mulheres que, apesar de todas as adversidades, continuam a lutar por seus direitos e por um lugar de respeito na sociedade.

A construção do histórico de vida de Conceição Evaristo foi profundamente marcante, revelando-se decisiva para a ampliação de sua consciência social e racial. Desde cedo, ela tinha uma compreensão da questão social devido às suas vivências na periferia de Belo Horizonte. No entanto, foi ao mudar-se para o Rio de Janeiro que Evaristo começou a entender mais profundamente as complexidades da questão racial.

Conceição Evaristo ilustra como a consciência social e racial pode ser construída e transformada ao longo do tempo, especialmente através de mudanças contextuais e geográficas. Sua mudança para o Rio de Janeiro foi um ponto de inflexão que lhe permitiu articular um discurso mais completo sobre a questão racial. Através de sua obra, Evaristo continua a desafiar as narrativas hegemônicas, oferecendo uma perspectiva rica e necessária sobre as experiências das mulheres negras no Brasil.

O artigo “A genealogia negro-brasileira contemporânea” de autoria feminina na literatura de Conceição Evaristo: Tempo, Temporalidade e Ancestralidade em **Olhos d’água** (2018), analisa a obra de Evaristo sob uma perspectiva que associa o texto literário com a história. Os autores destacam a importância do tempo, da temporalidade e da ancestralidade nas narrativas de Evaristo, especialmente em como essas dimensões estabelecem vínculos profundos entre as mulheres. Através da empatia e do trabalho conjunto em espaços-comunidade, essas mulheres buscam banir as dores causadas pelo machismo, uma força usurpadora de vidas.

Conceição Evaristo introduz o conceito de *escrevivência*, uma forma de escrita que emerge da vivência das mulheres negras. A **escrevivência** não é apenas um ato de escrever, mas um processo que envolve a inserção da experiência pessoal e coletiva na narrativa, destacando a relação íntima entre a autora e sua comunidade. Para Evaristo, escrever é uma forma de resistência, uma maneira de dar voz às histórias silenciadas e de reafirmar a identidade e a dignidade das mulheres negras.

A análise da obra de Conceição Evaristo em “A genealogia negro-brasileira contemporânea” revela a profundidade e a complexidade de sua narrativa, que entrelaça história, tempo, ancestralidade e a experiência feminina negra.

Através de conceitos como **escrevivência**, Evaristo oferece uma forma poderosa de resistência literária que desafia as narrativas dominantes e reivindica a importância das histórias das mulheres negras. Sua obra é um testemunho da força e da resiliência das mulheres, uma celebração

de suas vidas e uma luta contínua contra as opressões que enfrentam.

A construção da vida deu à autora a condição de desempenhar, tanto na fase anterior quanto na atualidade, um papel fundamental na literatura negro-brasileira. Conceição Evaristo reverencia suas ancestrais como parceiras, não apenas pela condição feminina, mas também por serem negras, seguindo caminhos de lutas e dores compartilhadas nas personagens femininas simbolicamente atadas pela cor dos olhos no conto "Olhos d'água". Neste conto, a história, o tempo e a ancestralidade são instrumentos de concretização da liberdade de autobiografar-se e de representar a si própria, sem barreiras impostas por terceiros.

A autora afirma: "É vivendo, se vendo e vendo o outro como partícipe que mantém seu olhar pairando no passado e no presente, questionando-se sobre o futuro" (Evaristo, 2014). Conceição Evaristo, através de sua escrita, busca dar voz a essas experiências e reivindicar o reconhecimento das mulheres negras.

Ela utiliza suas narrativas para expor as injustiças e celebrar a resistência e a resiliência de suas ancestrais. Através de seus personagens, Evaristo oferece uma perspectiva íntima e autêntica das vidas das mulheres negras, permitindo que suas histórias sejam A obra de Conceição Evaristo é um testemunho poderoso da luta contínua das mulheres negras contra a exploração e a discriminação. Ela destaca a importância da ancestralidade e da solidariedade entre as mulheres negras, criando uma narrativa que honra suas experiências e desafios. Evaristo nos lembra que é através da vivência e da escrevivência que podemos questionar o contadas com dignidade e respeito.

Na infância e adolescência, minha experiência reflete um retrato comum de quase todas as crianças da periferia do Brasil. As mulheres negras, frequentemente, foram relegadas a posições de empregadas domésticas, cuidadoras e trabalhadoras braçais nas sociedades coloniais e pós-coloniais. Nesses papéis, elas enfrentavam longas jornadas de trabalho, salários baixos e falta de reconhecimento. Infelizmente, essa realidade persiste até os dias de hoje, com as mulheres negras enfrentando desigualdades significativas no mercado de trabalho.

O trabalho doméstico mal remunerado e a falta de oportunidades de avanço na carreira são questões urgentes que afetam a vida das mulheres negras. Elas continuam a ser exploradas e marginalizadas, enfrentando obstáculos adicionais devido à discriminação racial e de gênero. Essa exploração sistemática é uma manifestação clara da injustiça social que permeia nossa sociedade.

É crucial reconhecer e confrontar essas desigualdades, trabalhando para criar um ambiente de trabalho mais justo e inclusivo para todas as mulheres, independentemente de sua raça ou origem. A luta pela igualdade de gênero e racial é uma responsabilidade coletiva que

exige ações concretas e mudanças estruturais em todos os níveis da sociedade:

Ele estivera olhando para mim, e disse que havia tido uma ideia. Ele, sua esposa e dois filhos, de aproximadamente 18 e 21 anos, estavam indo viajar de férias. Haviam alugado uma casa no sul de Portugal, em algum lugar no Algarve, e ele estava pensando que eu poderia ir com eles. O médico então propôs que eu cozinhasse as refeições diárias da família, limpasse a casa e eventualmente lavasse suas roupas. “Não é muito, disse ele, “alguns shorts, talvez uma camiseta e, claro nossas roupas íntimas!” (Kilomba, 2008, p. 93).

A autora Grada Kilomba (2008) destaca a importância de reconhecer o trabalho doméstico das mulheres negras, historicamente invisibilizado e desvalorizado. Elas frequentemente desempenham papéis essenciais na manutenção de suas famílias e comunidades por meio do trabalho doméstico não remunerado, enquanto enfrentam discriminação e opressão sistêmica. Kilomba argumenta que valorizar esse trabalho é fundamental para combater as desigualdades de gênero e raciais.

De acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), há um retrato sociodemográfico do trabalho doméstico no Brasil, mostrando uma redução na proporção de mulheres ocupadas que se dedicam a esse tipo de atividade: de 17% em 1995 para 14,6% em 2018, em média. No entanto, o índice é mais alto entre mulheres negras, chegando a 18,6%, enquanto entre mulheres brancas é de apenas 10%.

A fala de Kilomba evidencia o grau de autoridade que homens brancos exercem sobre as mulheres negras. Isso se reflete na experiência pessoal de Conceição Evaristo, que trabalhou como doméstica desde os oito anos, alternando essa atividade com a de auxiliar crianças vizinhas nas tarefas de casa, o que lhe rendia alguns trocados (Evaristo, 2009, p. 1). Além disso, ela participava com a mãe e a tia da lavagem e entrega de roupas nas casas das patroas, uma situação que é observada e criticada pela mídia social e organizações internacionais que registram o trabalho infanto-juvenil sem remuneração justa.

A respeito do protagonismo afrodescendente na literatura brasileira contemporânea, este é marcado pelo passado da figura do negro como escravo, sem direitos de cidadania, classe inferiorizada, como bem expressa o romancista Aluísio Azevedo em "O Cortiço", onde o encontro de classes e culturas demarca a relação de superioridade e inferioridade entre seus moradores. No entanto, hoje, as vozes negras protagonizam e criam personagens e histórias, como a intensa Carolina Maria de Jesus. A literatura como denúncia é uma das características de Conceição Evaristo, relatando ao leitor as dificuldades, os infortúnios, o descaso social, os obstáculos e os impasses dos moradores das favelas e bicos.

Nessa obra "Olhos d'água", coletânea que também remete ao conto estudado, Conceição remete às origens da cultura negra, que tem como raiz o continente africano, referência em seus escritos, ou em suas "escrevivências", para relatar, registrar e documentar, dar voz a essa

escritora negra, militante, poeta e crítica literária que, por meio de sua escrita, relata o percurso histórico-social dos afrodescendentes no Brasil e assim se correlaciona aos contextos sociais contemporâneos. Em "Olhos d'água", o conto, Conceição Evaristo apresenta o tempo presente como porta para pensar o tempo passado, ressaltando a questão da morte, o genocídio de negros e negras nas favelas, nos quintais.

Acentua-se também a condição social das famílias, com filhas e mãe agarrando-se para suportar o medo da possível queda do barraco, além da perseguição religiosa desde a colonização até hoje, tentando reprimir, pela violência, a religiosidade inerente à identidade nacional afro-brasileira.

O conto mostra as relações entre tempo e religião, observadas quando a narradora-personagem, na ânsia de lembrar a cor dos olhos da mãe, faz uma oferenda aos Orixás: "A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum [...] ao contemplar os olhos da mãe, a cor refletia águas correntes – era cor de olhos d'água – águas dedicadas à Mãe Oxum, que é a mãe do amor".

Por assim dizer da busca da narradora por descortinar as barreiras, essa coragem efêmera de persuadir o objetivo de dar as mãos às "Marias, às Natalinas" e outras espalhadas pelo país, traduz o resgate de suas lembranças que também se constituem na preservação das raízes ancestrais, com o intuito de estimular o autoconhecimento e sacramentar a identidade dos afrodescendentes e afro-brasileiros.

Quando a personagem compara os olhos da mãe a rios calmos, "águas de Mamãe Oxum", legitima o lugar e a dimensão da ancestralidade feminina ao longo da narrativa. A ancestralidade feminina negra nessas "escrevivências" estudadas pelos autores do artigo está inter-relacionada à cronologia do tempo linear, já que as temporalidades vêm com o ato de rememorar, cortes de tempo cronológico que soam como eternidade.

A análise dos caminhos editoriais percorridos por Conceição Evaristo evidencia as dificuldades enfrentadas pela autora para publicar sua obra, apesar da importante posição que ocupa no campo intelectual negro. É um fato destacar que ao longo da história brasileira, o negro sempre enfrentou desafios para conquistar os espaços que almeja.

Ser uma escritora negra brasileira de prestígio significa ocupar um lugar de destaque dentro de um campo que, por sua vez, está em uma posição subalterna no contexto mais amplo da literatura nacional. É significativo, portanto, que Conceição ainda tenha que arcar com parte dos custos de edição de seus livros, como ocorreu com "Insubmissas Lágrimas de mulheres".

Essa situação revela que o espaço não está totalmente aberto para os integrantes declarados da sociedade negra, demonstrando ainda a posição problemática da literatura negra em relação à literatura brasileira.

A formação acadêmica de Conceição reflete a importância do conhecimento para ela. Ela afirma: “Então foi um momento muito importante para mim, quando comecei a descobrir que o saber, e esse saber que te legitima, para você ser uma difusora do saber... então eu comecei a perceber também que tinha sentido. E como eu começo a perceber isso? Na medida em que levanto algumas questões dentro da academia e percebo que alguns professores se interessam e que alguns dizem mesmo: ‘Eu nunca pensei sobre isso’. Então, quando começo a colocar algumas questões dentro da academia, ao mesmo tempo que encontro certa rejeição por parte de alguns professores, também encontro acolhida” (Evaristo, 2013).

O conto "Maria" serve como um reflexo da crescente violência no Brasil, que tem feito inúmeras vítimas. A falta de oportunidades nas regiões mais distantes leva ao êxodo rural, que muitas vezes se torna o divisor entre a vida e a morte dos sonhos de milhares de pessoas.

No entanto, as grandes cidades brasileiras não têm conseguido lidar com o aumento acelerado de sua população, pois não possuem uma infraestrutura adequada que garanta a todos acessos dignos a emprego, moradia, saúde, educação, entre outros serviços essenciais. Como resultado, o crescimento populacional descontrolado tem gerado graves problemas sociais.

Diante desse cenário, é crucial pensar em quais medidas devem ser adotadas para minimizar o descaso e o desinteresse em relação à condição do negro tanto no espaço literário quanto no social, seguindo o exemplo de luta e representatividade de Conceição Evaristo.

Isso pode incluir políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades, a valorização da cultura afro-brasileira e a ampliação do acesso à educação e à cultura para todos, independentemente de sua origem racial ou socioeconômica. Além disso, é fundamental dar voz e visibilidade a escritores negros e suas obras, contribuindo para uma representação mais justa e inclusiva na literatura e na sociedade como um todo.

## CAPÍTULO III

### 3 UMA VOLTA, MAIS UMA VOLTA. POR QUE MARIA?

A frase "A gente combinamos de não morrer", presente na obra de Conceição Evaristo, permeia todo o conto "Maria" com uma simbologia poderosa. Ela representa o pacto estabelecido entre mãe e filha, uma promessa de resistência e continuidade mesmo diante das adversidades. Esse compromisso de não desistir, de perseverar e de seguir adiante com os ideais de luta e progresso, mesmo após a perda física da mãe, ressoa ao longo da narrativa.

Nesse contexto, o conto se torna uma mistura complexa de amor e ódio, refletindo as duras realidades enfrentadas pela protagonista, Maria, e pela comunidade à qual ela pertence. A frustração diante da violência e da ignorância presentes no ambiente é palpável, mas ao mesmo tempo, há uma aura de esperança e determinação que permeia a história.

Por meio dessa obra genial, Evaristo nos lembra da importância de preservar e disseminar o conhecimento transmitido pelas gerações anteriores, especialmente no que diz respeito à luta em prol do povo negro e da mulher negra. É um convite à reflexão sobre a importância da resistência, da solidariedade e da busca por um futuro melhor, mesmo diante das adversidades.

O cenário apresentado no conto reflete de forma contundente a realidade do transporte público no Brasil, especialmente para a população pobre e negra. O longo tempo de espera por um transporte é apenas um dos muitos desafios enfrentados diariamente por aqueles que não têm condições financeiras para garantir outras opções de deslocamento. Muitas vezes, essa falta de acesso adequado ao transporte público acaba forçando as pessoas a caminharem longas distâncias, devido à falta de recursos para outras alternativas.

Além disso, o conto revela as dificuldades enfrentadas por Maria, uma mulher negra que não tem um companheiro, mas é mãe de filhos. Essa situação ressalta as questões sociais e econômicas enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil, que muitas vezes têm que assumir a responsabilidade pela criação dos filhos sozinhas, em meio a condições precárias de trabalho e falta de apoio.

A menção ao trabalho doméstico, associado à imagem de "doméstica", evidencia o estigma e a marginalização enfrentados pelas pessoas negras em determinados setores da sociedade. Essa representação reflete o descaso e a desvalorização histórica do trabalho realizado por essas pessoas, reforçando as desigualdades sociais e raciais presentes no país.

A alimentação que era levado as crianças, eram restos, a olhar nas favelas do Brasil quantas meninas e meninos nunca foram a um restaurante. Ela disse levei “melão”, em pleno século XXI a criança não dispõe desse conhecimento de que algo maior existe ao seu redor. Sistemáticamente os lixões estão abarrotados de pessoas em sua maioria são negros e pobres, passam o dia o tempo inteiro em busca deste osso, estas frutas jogadas ao relento, e em meio a urubus disputam o espaço de fome uns contra outros.

Maria, na labuta do dia segue para casa, o destino talvez não deveria ser daquela forma, no ônibus reconhece o que seria o pai de seu filho, Evaristo (2016, p. 24) “pagando a passagem dele e de Maria”, veja o delírio de Maria ao ver que o ex-marido estava ali dando a oportunidade de reconhecimento para nova investida na relação.

São situações recorrentes nas mulheres de baixa renda, quando perdem os maridos ficam lisonjeadas com qualquer apoio, e foi isto que aconteceu. Verificou-se o lamento quando ela fala da saudade que sente, da ausência que os filhos falam, tudo isso faz com que ele passe aquela cantada barata feita nestes momentos de recaída.

Essa mulher fica ressentida por não ter namorado outra pessoa, na esperança de um dia reencontrá-lo, talvez seja uma história comum, as mulheres ficarem almejando a volta dos ex-maridos por muito tempo esquecendo de viver a vida, de dar um norte diferente para os filhos, dentro de uma situação de vida desfavorável principalmente nas grandes cidades. E essa falta de um companheiro levou Maria a se envolver com outros encontros amorosos e engravidar e ter outros filhos, mesmo assim naquele momento ele se dispunha a oferecer o carinho e conquistar o amor da vida dele, sem saber que sofreria um duro golpe.

O trecho destacado revela a rapidez com que uma situação de amor e confiança pode se transformar em caos e perigo. A violência urbana e os assaltos são uma realidade constante em muitas periferias e grandes centros urbanos do Brasil, o que gera um ambiente de medo e insegurança para a população.

A descrição da personagem atônita diante do assalto reflete a experiência vivida por muitas pessoas em situações semelhantes na vida real. O medo, a preocupação com os entes queridos e a incerteza sobre o futuro são sentimentos comuns diante da violência urbana.

O papel do Estado na garantia da segurança pública é essencial para enfrentar esse desafio. É fundamental que as autoridades governamentais trabalhem incansavelmente para proporcionar um ambiente seguro para todos os cidadãos, implementando políticas e programas eficazes de prevenção e combate à criminalidade.

O episódio narrado também ressalta o impacto da violência na vida das famílias e na educação das crianças. O dilema enfrentado pela personagem ao pensar em como explicar a

situação para seu filho evidencia as dificuldades enfrentadas por muitas famílias que vivem em áreas afetadas pela criminalidade.

A narrativa proporciona uma oportunidade para reflexão sobre as causas subjacentes da violência urbana e a importância de abordá-las de forma holística, incluindo questões socioeconômicas, educacionais e culturais. Além disso, destaca a necessidade de solidariedade e apoio mútuo nas comunidades afetadas pela violência, bem como a importância de medidas preventivas e de intervenção eficazes por parte do Estado.

De acordo com Ribeiro (2024), Rousseau alega que o homem muda conforme as convenções de ideias dos outros homens. Em um cenário de assalto, as reações e comportamentos das pessoas são influenciados por essas convenções. Quando ocorre um assalto em um ônibus, os assaltantes poderiam levar todos os pertences dos passageiros e ir embora, mas a situação pode ser mais complexa. Um dos aspectos dessa complexidade é a resposta emocional dos indivíduos envolvidos, como exemplificado na obra de Conceição Evaristo.

Conceição Evaristo (2016, p. 25) descreve uma cena em que uma mulher, apesar de estar no mesmo ônibus durante um assalto, passa ilesa, não sendo roubada pelos assaltantes. Isso provoca uma reação violenta e cheia de ódio dos outros passageiros, que a acusam com insultos racistas e misóginos, como "Negra safada", "suja", "burra", "ladra", e "pobre". Esses adjetivos revelam os preconceitos enraizados e a raiva que emergem em situações de tensão.

A resposta do público é emblemática das convenções sociais e do racismo estrutural que permeia a sociedade. A falta de resistência dos passageiros inicialmente pode ser vista como uma forma de autoproteção, mas quando a mulher negra passa ilesa, ela é imediatamente vilificada, expondo o racismo latente entre os passageiros. Essa reação coletiva, que resulta em um "linchamento" verbal, é um reflexo da raiva e do preconceito que esses indivíduos internalizaram e que é exacerbado pela situação de crise. Rousseau, citado por Ribeiro, sugere que as ações e reações dos homens são moldadas pelas ideias e expectativas dos outros.

No caso do assalto, as ideias preconcebidas sobre raça e culpabilidade se manifestam de forma agressiva. O fato de que a mulher é poupada pelos assaltantes, mas punida verbalmente pelos passageiros, revela como as convenções sociais podem ser cruéis e injustas.

A análise de Evaristo, apoiada pelas ideias de Rousseau, expõe a brutalidade do preconceito racial e as convenções sociais que o sustentam. A situação descrita é um exemplo de como as dinâmicas de poder e os estereótipos raciais podem se manifestar violentamente em momentos de crise. A resposta dos passageiros, que se voltam contra a mulher negra, ilustra a necessidade de uma reflexão profunda sobre as convenções sociais e a perpetuação do racismo.

Essa narrativa também destaca a importância de políticas e ações para combater o racismo estrutural e promover a igualdade racial e social.

Em suma, a obra de Evaristo e a análise de Rousseau oferecem uma visão crítica sobre como as convenções sociais influenciam o comportamento humano, especialmente em contextos de crise, revelando a urgência de mudanças estruturais na sociedade para superar essas injustiças.

No Brasil, a voz negra é pouco ouvida, uma frase que ressoa ao longo desta dissertação e se incorpora ao corpo social, revirando o tempo de aflição do colonialismo e da escravidão. Esse período histórico é marcado por violência, subjugação e exploração dos corpos negros, especialmente das mulheres, que eram surradas, esbofeteadas e abusadas por seus senhores. A repetição desse sofrimento é simbolicamente representada por Conceição Evaristo ao nomear uma mulher de Maria, evocando a figura materna e sofredora da mãe de Jesus, reconhecendo os horrores que continuam a ocorrer.

Evaristo utiliza o nome Maria para simbolizar o sofrimento e a resistência das mulheres negras no Brasil. Esse nome carrega o peso histórico das lutas e dos abusos enfrentados pelas mulheres negras desde a escravidão até os dias atuais. As Marias de Evaristo representam todas as mulheres que enfrentam a violência e a opressão, cujas vozes são frequentemente silenciadas e cujos sofrimentos são muitas vezes invisibilizados pelo sistema brasileiro. Esse sistema, como Evaristo denuncia, ignora e deturpa a imagem dos negros, perpetuando a ideia de que eles não têm importância no cenário nacional.

A criação da Lei Maria da Penha foi um passo crucial para combater a violência contra as mulheres no Brasil. Essa lei, nomeada em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, uma mulher que sofreu violência doméstica extrema, busca instituir um freio à ambição de cercear os direitos e a dignidade das mulheres. Ela representa uma vitória significativa na luta contra o abuso e a opressão, fornecendo mecanismos legais para proteger as vítimas e punir os agressores.

Evaristo, ao explorar esses temas, não apenas denuncia a violência e a injustiça, mas também acende uma chama de esperança e resiliência. No início de seu texto, a autora estabelece um pacto de não morrer, de não deixar que a chama da esperança e da luta se apague. Essa promessa de resistência é crucial, pois inspira a continuidade da luta diária por justiça e igualdade.

O texto de Evaristo, assim como a criação da Lei Maria da Penha, são lembretes poderosos da importância de continuar lutando contra a opressão e a violência. Eles nos chamam a reconhecer e valorizar as vozes das mulheres negras, que têm sido historicamente

silenciadas. Essas vozes, quando ouvidas, têm o poder de transformar a sociedade, promovendo uma reflexão profunda sobre a igualdade e a justiça. A luta das Marias, então, não é apenas pela sobrevivência, mas pela dignidade, pelo respeito e pela construção de um futuro mais justo e inclusivo para todos.

### **3.1 No limite da Vida e da Morte: quantos filhos Natalina teve?**

Conceição Evaristo propõe ao leitor uma profunda reflexão sobre a realidade vivida por mulheres negras e pobres no Brasil, por meio de seus contos. Ao trazer à tona temas como violência, opressão, abandono e falta de oportunidades, Evaristo convida os leitores a mergulharem nas experiências dessas mulheres e a confrontarem as injustiças presentes em nossa sociedade.

Os leitores que se deparam com os contos de Evaristo têm a oportunidade de se confrontar com uma realidade muitas vezes negligenciada e invisibilizada. Eles são convidados a olhar além das narrativas dominantes e a reconhecer as vozes e as experiências das mulheres negras e pobres que são frequentemente marginalizadas.

No contexto das políticas públicas, ainda há muito a ser feito para garantir que as mulheres mais vulneráveis tenham acesso à justiça, à saúde e aos direitos reprodutivos. Evaristo, por meio de suas histórias, destaca as falhas e as lacunas existentes nessas políticas, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e sensível às necessidades das mulheres negras e pobres.

O tema do aborto, explorado por Evaristo, revela as complexidades e as injustiças enfrentadas pelas mulheres mais marginalizadas. Nas comunidades periféricas e carentes, o aborto muitas vezes é uma realidade recorrente, resultado da falta de acesso à educação sexual, contraceptivos e serviços de saúde adequados. Evaristo destaca como essa prática é uma questão de sobrevivência para muitas mulheres, que enfrentam o medo da rejeição familiar, da violência e da falta de apoio.

Ao discutir esses temas, Evaristo nos convida a repensar nossas próprias perspectivas e privilégios, e a agir em solidariedade às mulheres que enfrentam múltiplas formas de discriminação e opressão. Suas histórias nos desafiam a reconhecer e enfrentar as desigualdades profundamente enraizadas em nossa sociedade, e a lutar por um futuro mais justo e inclusivo para todos.

O conto de Natalina, como retratado por Evaristo (2021), evoca uma série de questões profundas sobre maternidade, saúde pública e relações familiares. A descrição da jovem

alisando a barriga com amor, mas suspirando diante de sua quarta gravidez, revela um conflito interno significativo. No contexto de um sistema de saúde que muitas vezes falha em atender às necessidades das famílias mais pobres, a experiência de Natalina é permeada pela falta de recursos e apoio médico adequado.

Além disso, a relação de Natalina com sua própria mãe, marcada pelo desejo de retornar à infância e evitar responsabilidades, é complexa e reveladora. A ideia do aborto surge como uma possibilidade, influenciada pelas experiências passadas no conto Natalina e pela ausência de comunicação e orientação dentro da família.

Esses elementos destacam não apenas os desafios enfrentados por mulheres como Natalina, mas também as deficiências do sistema de saúde e as dinâmicas familiares que contribuem para decisões difíceis e dolorosas.

O relato de Natalina, como descrito pela autora, revela uma realidade difícil enfrentada por muitas jovens no Brasil, especialmente aquelas que vivem em condições precárias nas periferias. Aos catorze anos, Natalina é confrontada com a responsabilidade da maternidade em um contexto de indecisão entre a infância e a vida adulta. A falta de espaço e recursos em sua casa já superlotada adiciona pressão adicional à sua situação.

A decisão de Natalina de buscar um aborto reflete não apenas sua própria angústia, mas também a influência da cultura e das crenças da comunidade ao seu redor. O medo infundido pelas mães sobre as parteiras, retratando-as como devoradoras de crianças, mostra como o desconhecimento e a superstição podem afetar as escolhas das pessoas.

No entanto, a descoberta do prazer sexual por parte de Natalina e seus amigos, apesar da dor física, é um ponto de virada em sua história. Sua decisão de fugir e ter o filho longe, na esperança de evitar a suposta ameaça da parteira, revela a complexidade de suas emoções e o desejo de proteger seu filho, mesmo que isso signifique separação. Essa narrativa traz à tona questões profundas sobre maternidade, juventude e as duras realidades enfrentadas por muitas jovens mulheres.

A situação de Natalina, ao fazer a doação do seu filho a uma enfermeira, levanta questões importantes sobre os aspectos legais e éticos envolvidos na adoção e na entrega voluntária de crianças. A Lei da Adoção introduzida pela Lei 13.509/2017 trouxe mudanças significativas ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), incluindo a possibilidade de entrega voluntária de crianças para adoção, desde que realizada por meio de procedimento assistido pela Justiça da Infância e da Juventude.

No entanto, é importante ressaltar que a entrega voluntária deve seguir os trâmites legais estabelecidos pela lei para garantir a proteção dos direitos da criança e da mãe biológica.

Qualquer ato de desamparo ou exposição do recém-nascido a perigo, sem seguir os procedimentos legais adequados, pode configurar o crime de abandono de recém-nascido, conforme descrito no artigo 134 do Código Penal.

Portanto, Natalina e a enfermeira que recebeu a criança devem estar cientes das implicações legais de suas ações e buscar assistência jurídica adequada para garantir que todo o processo de adoção ou entrega voluntária esteja em conformidade com a lei. Além disso, é fundamental considerar o bem-estar da criança em todas as etapas do processo, priorizando seu interesse e proteção.

A falta de oficialização de um documento de doação para a enfermeira pode ser atribuída a várias razões, como falta de conhecimento sobre os procedimentos legais envolvidos, falta de recursos para buscar assistência jurídica adequada, ou simplesmente por não considerarem a importância desse procedimento. É comum que, em situações informais, as partes envolvidas não se preocupem em formalizar a doação, o que pode levar a problemas legais no futuro.

No entanto, é importante ressaltar que a ausência de um documento oficial não isenta as partes envolvidas das responsabilidades legais decorrentes da adoção ou entrega voluntária de crianças. Como mencionado anteriormente, qualquer ato de desamparo ou exposição do recém-nascido a perigo pode configurar o crime de abandono de recém-nascido, conforme estabelecido pelo Código Penal.

Quanto à situação de Natalina, sua falta de maturidade e a busca por uma vida amorosa com filhos evidenciam os desafios enfrentados por muitas adolescentes. O fato de ela ceder seu corpo e sua barriga para satisfazer o desejo da patroa demonstra as complexidades das relações de poder e exploração presentes em muitas dinâmicas sociais.

A mudança na situação de Natalina durante essa nova gravidez, em que sua patroa agora assume a responsabilidade de cuidar dela e proporcionar acesso ao sistema de saúde, destaca as disparidades sociais existentes. O contraste entre o início do conto, onde Natalina enfrenta uma situação de desamparo e falta de recursos, e sua situação atual, em que ela recebe cuidados médicos adequados, evidencia como o poder econômico pode influenciar o acesso aos serviços de saúde.

A atenção médica e os exames que Natalina recebe agora representam uma mudança significativa em sua vida, proporcionando-lhe cuidados que antes eram inacessíveis. Essa diferença destaca as injustiças sociais e econômicas que permeiam a sociedade, onde o acesso à saúde muitas vezes é determinado pelo status socioeconômico.

A abordagem de Conceição Evaristo nesse ponto do conto enfatiza a importância de reconhecer e enfrentar as desigualdades no acesso aos serviços de saúde, destacando como essas

disparidades afetam a vida e o bem-estar das pessoas, especialmente aquelas em situações de vulnerabilidade socioeconômica.

A sequência do conto traz à tona uma série de desafios e dificuldades enfrentados por Natalina, destacando os problemas decorrentes de sua situação precária. A falta de leite para alimentar o recém-nascido simboliza a escassez de recursos e o desamparo enfrentado por Natalina, que se vê incapaz de prover o básico para seu filho.

A reflexão de Natalina sobre sua situação atual e suas decisões passadas revela uma mistura de arrependimento, resignação e determinação. Ela reconhece a responsabilidade que assumiu ao decidir manter a gravidez, mesmo diante das adversidades, e expressa o desejo de ensinar à criança o valor da vida, apesar das circunstâncias difíceis.

A afirmação de que, na última gravidez, Natalina já estaria em idade adulta e não devia nada a ninguém sugere um amadurecimento e uma mudança de perspectiva em relação às suas experiências anteriores. Ela expressa um desejo de assumir a responsabilidade pela gravidez e de cuidar do filho vindouro com amor e dedicação, algo que talvez não tenha sido possível em gestações anteriores. Ao afirmar que "haveria de ensinar para ele que a vida é viver e morrer", Natalina demonstra uma disposição para enfrentar os desafios da maternidade e transmitir ensinamentos sobre a vida e suas complexidades para seu filho. Essa frase também reflete uma visão mais profunda sobre o ciclo da vida e a aceitação das realidades inevitáveis, como a morte.

A ideia de que Natalina estava pagando por algo que não havia feito ressalta a injustiça de sua situação. Ela parece estar sendo punida por circunstâncias além de seu controle, talvez refletindo as dificuldades e adversidades enfrentadas por muitas mulheres em situações semelhantes. Essa reflexão destaca as desigualdades sociais e as injustiças enfrentadas por pessoas marginalizadas, como natalina, em uma sociedade que muitas vezes falha em proteger e apoiar aqueles que mais precisam.

A menção ao irmão de Natalina, que possivelmente seguiu por caminhos errados, sugere a influência do contexto social e familiar na trajetória de vida das pessoas. A tragédia que se desenrola no desfecho do conto, com natalina sendo vítima de estupro e posteriormente sendo forçada a cometer um crime em legítima defesa, ressalta a violência e a injustiça que permeiam sua realidade.

A referência à sua identidade racial, destacando que em um país de leis brancas, ela seria culpada e provavelmente presa, revela as profundas disparidades raciais e a falta de justiça para indivíduos negros em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural. O conto termina com a sugestão de que, diante dessa realidade opressora, a única opção para Natalina é fugir, buscando escapar de um destino injusto e implacável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo, aqui desenvolvido, se ateve às realidades vivenciadas por aqueles que perderam a esperança de alcançar melhores condições de vida devido à violência institucional do Estado brasileiro. Ao avaliar os fatores estruturais, culturais e históricos que contribuem para a desigualdade entre a população negra e não negra, abordamos questões fundamentais que moldam a sociedade brasileira.

Ao concentrarmos nossa atenção na luta das mulheres, reconhecemos a importância de dar voz às experiências únicas e muitas vezes marginalizadas das mulheres negras. Nosso estudo não buscou falar por elas, mas sim trazer à luz suas reivindicações e desafios, destacando a violência e o racismo sistêmicos que permeiam a sociedade brasileira.

Através da análise de obras literárias e do contexto histórico, cultural e social, ficou evidente que a desigualdade racial e de gênero é um problema estrutural que exige soluções abrangentes e integradas. Conceição Evaristo, por exemplo, com sua narrativa poderosa e sensível, ilumina as experiências dolorosas e resilientes das mulheres negras, oferecendo um espelho para que a sociedade possa enxergar e compreender melhor essas realidades.

Ao longo desta pesquisa, ficou claro que a representatividade é um passo crucial na luta contra a discriminação, mas é insuficiente por si só. A presença de negros em posições de poder pode contribuir para a formulação de políticas mais inclusivas, mas para efetivar mudanças reais, é necessário um compromisso coletivo e contínuo para dismantelar as estruturas racistas e machistas que sustentam a desigualdade.

As histórias e vivências analisadas revelam a urgência de implementar políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades, o acesso à educação de qualidade, à saúde e à justiça para todos, independentemente de raça ou gênero. Também evidenciam a importância de ouvir e valorizar as vozes das mulheres negras, que há muito tempo clamam por justiça e dignidade.

Esperamos que esta dissertação sirva como um convite à reflexão e à ação. Que inspire mudanças nas práticas institucionais e sociais, e que contribua para a construção de um Brasil mais justo e igualitário, onde todas as pessoas, especialmente as mulheres negras, possam viver com dignidade e respeito.

É possível reconhecer que todo problema social traz implicações objetivas e subjetivas, o que impede que se generalize a realidade contida no movimento de luta das pessoas negras, especialmente as mulheres, que lutam e morrem em busca de justiça. As instituições, ao operacionalizar suas ações, mostram como o racismo estrutural vem sendo perpetuado na

sociedade brasileira, utilizando tanto novas quanto antigas estratégias de anulação do povo negro.

A análise dos contos de Conceição Evaristo, particularmente os que abordam as "Marias", ilustra como essas estratégias de luta vêm sendo aperfeiçoadas e aplicadas por mulheres que precisam ser reconhecidas e vistas em vários aspectos. Evaristo, com sua narrativa potente, ilumina as experiências dolorosas e resilientes das mulheres negras, oferecendo um espelho para que a sociedade possa enxergar e compreender melhor essas realidades.

A representatividade é um passo crucial na luta contra a discriminação, mas é insuficiente por si só. A presença de negros em posições de poder pode contribuir para a formulação de políticas mais inclusivas, mas mudanças reais requerem um compromisso coletivo e contínuo para dismantelar as estruturas racistas e machistas que sustentam a desigualdade.

As histórias e vivências analisadas nesta dissertação revelam a urgência de implementar políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades, acesso à educação de qualidade, à saúde e à justiça para todos, independentemente de raça ou gênero. Elas também evidenciam a importância de ouvir e valorizar as vozes das mulheres negras, que há muito tempo clamam por justiça e dignidade.

Destacamos a luta das mulheres negras, entendendo que, apesar de não podermos falar por elas, podemos utilizar as instituições para dar visibilidade às suas reivindicações e promover uma reflexão mais ampla sobre a violência e o racismo que permeiam a sociedade brasileira.

São mulheres que sofrem pela perpetuação da violência muito além da perda física de si mesmas e de seus filhos: é negado a elas o direito à proteção da história de seus entes queridos, como forma de tentativa de silenciamento e esvaziamento de suas denúncias, sob a acusação de que se trata de um povo que não merece crédito. A exploração dessa violência através das mortes, como sendo produto de uma falsa guerra do bem contra o mal sob a fachada de uma luta contra as drogas, é naturalizada entre muitos brasileiros.

Mais tarde, é evidente o desenvolvimento de situações como depressão, alcoolismo, abuso de drogas, além do surgimento e agravamento de problemas sociais, econômicos e enfermidades crônicas. Esse é um destino comum entre muitas dessas mulheres, pais, filhos e mães, o que enfatiza a necessidade de uma mudança estrutural e cultural profunda.

A união dessas mulheres, homens e crianças negras em espaços de luta parece funcionar como uma possibilidade de resgate da sua dignidade e um caminho para a criação de uma rede de afeto e de respeito, negados pelas autoridades. Essa luta não pode silenciar essas Marias, pois seria uma tentativa de lhes retirar a humanidade e o respeito às suas histórias. Olhando por

este aspecto, essas mulheres, ao se reconhecerem nos relatos umas das outras e em um ambiente de segurança em que sabem que não serão julgadas, renovam a força para a luta por justiça.

A representatividade é um passo crucial na luta contra a discriminação, mas é insuficiente por si só. A presença de negros em posições de poder pode contribuir para a formulação de políticas mais inclusivas, mas mudanças reais requerem um compromisso coletivo e contínuo para dismantelar as estruturas racistas e machistas que sustentam a desigualdade.

O conceito de leitura como prática consciente, segundo Freire (1989), simboliza a passagem criada com o protagonismo para a preservação da memória de seus antepassados e para a denúncia das raízes da violência de que são vítimas. A desnaturalização da justificativa do Estado de que essas políticas de combate à violência e ao racismo estão mudando a realidade do convívio da sociedade não é vista como a melhor alternativa.

As crueldades são evitáveis a partir de uma reflexão madura, executada pelo conjunto social e sistemático, buscando acelerar o processo conforme Paulo Freire. Portanto, a luta pela justiça e dignidade das mulheres negras, como apresentado nas histórias de Conceição Evaristo, deve ser um compromisso constante, buscando sempre formas de romper com as barreiras impostas pelo racismo estrutural e pela opressão de gênero.

É comum nos meios de comunicação retirar da população a sensibilidade em relação aos sentimentos diante de grandes eventos de repercussão em ambientes de classe baixa, fazendo com que tais acontecimentos se tornem algo corriqueiro e normal, deixando o sofrimento em último lugar. Não se observa uma comoção por parte da sociedade branca, são movimentos que se encerram, em passeatas, em ruas e praças, que são esquecidos pela mídia que não valoriza as classes inferiores.

E Evaristo traz uma condição diferente, colocando esses grupos em total alerta sobre as barbáries cometidas contra as populações negras no Brasil. Fazendo com que a reflexão acerca da leitura mexa, não só com a academia, mas com um conjunto de pessoas e grupos sólidos na articulação de políticas de combate às mazelas dos políticos, contra a violência marcante sobre os negros, que sofrem mais com os problemas da fome, do trabalho e da integração.

A precarização das condições de vida, com o Estado muitas vezes atuando como um dos principais agentes causadores dessa ameaça constante, coloca as mulheres em uma dicotomia entre serem mães e enfrentarem o Estado. Elas se veem como protagonistas na linha de frente dessa luta, que afeta toda a comunidade em que vivem. Além de exigir melhores condições para si e suas famílias, essas mulheres também trabalham para conscientizar a sociedade sobre a necessidade de rejeitar a naturalização da violência e do racismo, que muitas vezes são

normalizados e aceitos pelo senso comum.

E, ainda que esses casos envolvessem de fato maior atenção, como se omitir diante das ações de uma força que exerce o papel de elite. Um poder, em um país de civis onde a maioria é majoritariamente negros e moradores das periferias. Embora o Estado, que age na certeza de que não haverá repercussão social e talvez a punição seja trabalhada não a favor dos necessitados.

A falta de comoção nacional diante da morte quase diária de jovens negros e marginalizados é um reflexo do profundo racismo estrutural enraizado na sociedade brasileira. Este racismo muitas vezes se manifesta de forma inconsciente, levando à ignorância ou minimização da contribuição de pessoas negras para a construção do país e à falta de reconhecimento do genocídio que afeta essa população. É fundamental que todos assumam a responsabilidade de enfrentar esse problema e reconhecer sua própria participação no sistema de opressão.

A discussão sobre as bases racistas dessas práticas violentas deve ser priorizada e abordada de forma urgente. Confrontar e estudar a violência junto com essas mulheres-mães, analisando os indicadores de racismo e saúde, é essencial para impulsionar a todos na direção de adquirir um conhecimento militante para o reconhecimento e enfrentamento das causas profundas que afetam as pessoas negras.

Somente através de um compromisso coletivo e contínuo com a luta contra o racismo e a violência é que podemos esperar mudanças significativas na sociedade brasileira. É necessário que cada indivíduo reconheça sua própria responsabilidade e contribua ativamente para a construção de um país mais justo, igualitário e inclusivo para todos.

Esperamos que este estudo possa ampliar a discussão e promover mudanças significativas na forma como as mulheres, mães e pessoas negras são tratadas em nossa sociedade. Ao destacar as propostas de investimento em áreas cruciais como saúde, educação, esporte, economia e política, podemos criar um ambiente mais inclusivo e igualitário para todos.

Ao dar visibilidade a autores como Conceição Evaristo, estamos reconhecendo a importância de suas narrativas e experiências na luta contra o racismo e a violência. No entanto, reconhecemos também que essa não é uma tarefa fácil, pois exige um compromisso contínuo e coletivo para superar as barreiras e desafios que enfrentamos em nossa sociedade.

Espero que este estudo possa inspirar mais pesquisas, debates e ações concretas voltadas para a promoção da igualdade racial, o respeito aos direitos das mulheres e a construção de um futuro mais justo e inclusivo para todos os brasileiros.

A resistência dos professores em relação à abertura para o ensino da literatura e cultura

afro-brasileira nas escolas é um desafio importante a ser enfrentado. Mesmo com a criação da Lei Federal 10.639, que estabelece a obrigatoriedade do ensino desses conteúdos, ainda há uma resistência significativa por parte de alguns educadores.

Essa resistência pode ser atribuída a diversos fatores, incluindo preconceitos enraizados, falta de preparo dos professores para abordar esses temas de forma adequada, e até mesmo desconhecimento sobre a importância e relevância da literatura e cultura afro-brasileira na formação dos estudantes.

Para superar essa resistência, é fundamental investir em formação continuada para os professores, proporcionando-lhes os recursos e o conhecimento necessários para abordar esses conteúdos de maneira eficaz e respeitosa. Além disso, é preciso promover uma reflexão sobre os próprios preconceitos e privilégios, incentivando uma postura mais aberta e inclusiva em relação à diversidade cultural.

A implementação efetiva da Lei 10.639 nas escolas requer um esforço conjunto de professores, gestores, pais e comunidade escolar como um todo. Somente através de um compromisso coletivo com a promoção da igualdade racial e o combate ao racismo é que poderemos garantir uma educação verdadeiramente inclusiva e transformadora.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019. (Série Feminismos Plurais).

ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: Unesp, 2006.

Appiah, K. A. (1993). "Telling it Like It Is". Em *In My Father's House: Africa in the Philosophy of Culture*. New York: Oxford University Press.

ARAÚJO, Joel Zito. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Senac, 2000.

ARTUR, Margareth. As “escrevivências” da escritora Conceição Evaristo mostram a importância de voltar ao passado para caminhar no presente, Portal de Revistas da USP, 2021

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências. Maringá, Eduem, 2007.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

BRASIL. Anuário brasileiro de educação básica: 2021. Brasília, Moderna, 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 23 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Brasília, Planalto, 2003.

BRASIL. Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006: Lei Maria da Penha. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher... Brasília, Planalto, 2006. Disponível em : [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: nov. 2023.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**: o direito à literatura. 5.ed. Rio de Janeiro: OuroSobreAzul, 2011.

CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. Rev. Estudos feministas, Florianópolis, n. 8 v. 2, p. 91-108, 2000.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a

partir de uma perspectiva de gênero, Pdf. Universidade Católica de Pernambuco, NEABI, 2011. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf> 22 junho de 2011. Acesso em: 23 nov. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira contemporânea*, n. 31, Brasília, jan./jun., 2008, p. 87-110.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso Sobre o Colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

CRUZ, Adélcio de Sousa. *Narrativas contemporâneas da violência*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: Minas Geras, 2009.

DAVIS, ANGELA. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.

RONDÔNIA (Estado). *Diário Oficial do Estado de Rondônia* nº 59 Disponibilização: 31/03/2022. Publicação: 31/03/2022. Portaria nº 3037.

DIOP, Cheikh Anta. *A Origem Africana da Civilização: mito ou realidade*. Larence Hill & Co, 1974.

DOMINGUES, Petrônio. O negro no mundo dos negros. *In: \_\_\_\_\_*. Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Editora Senac, 2005.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: escre(vivência)contemporânea. *In: Seminário Nacional X Mulher e Literatura; I Seminário Internacional Mulher e Literatura*, 2003, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. Quantos filhos natalina teve? *In: Olhos D'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015. p. 43-50.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

OLIVEIRA, J. F. de Jesus; CASSILHAS, F. H. M.; SANTOS, S. M. dos. Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo. *Florianópolis, Revista Estudos Feministas*, v. 26, n. 3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/57055/37629> <https://doi.org/10.1590/%x>. Acesso em: 24 out. 2023.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era*. São Paulo: Globo, 2008. v. 2.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Christiano de. Identidade negra entre exclusão e liberdade. *Revista do Instituto de estudos brasileiros*, São Paulo, n. 63, p.

109, 2016.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. ed. 23. São Paulo: Cortez, 1981.

GEMAA (Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa) da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) com base no Censo Escolar de 2020.... - Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/05/23/negros-sao-menos-de-10-dos-alunos-das-20-top-escolas-privadas-do-Brasil.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10 de março de 2024.

GONZÁLES, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O problema do negro na sociologia brasileira. Rio de Janeiro, 1954. p. 189-230. (Cadernos do Nosso Tempo).

GUIMARAES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito e discriminação: queixas de Ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil [1998]. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2004.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e antirracismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/>. Acesso em: 10 de julho de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 7. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Editora Cobogó, 2017.

KOCH, Ingdore Villaga.; ELIAS, Maria Vanda. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.

LAJOLO, Marisa. A formação do leitor no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

Lei nº 13.509 de 22 de novembro de 2017 - Estatuto da criança e do adolescente (ECA).

LIMA, Omar da Silva. Literatura afro-brasileira em Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Brasília-DF: Ex Libris, 2010. ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

LÓPEZ, Lúcia Cristina Lopes. The concept of institutional racism: applications within the healthcare field. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.16, n.40, p.121- 34, jan./mar. 2012.

LOURENÇO, Nelson; LISBOA, Manuel. Violência, criminalidade e sentimento de insegurança. Revista Textos, n. 2: 45-64. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, 1996.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/262874654\\_Violencia\\_Criminalidade\\_e\\_Sentimento\\_de\\_Inseguranca](https://www.researchgate.net/publication/262874654_Violencia_Criminalidade_e_Sentimento_de_Inseguranca). Acesso em: 15 mar. 2024.

MACEDO, Joaquim Manoel de. As vítimas-algozes, quadros da escravidão. Estudo Introdutório de Flora Sussekind. 3. ed. Rio de Janeiro: Scipione/Casa de Rui Barbosa, 1988.

MARIA, Carolina Jesus de. Quarto de Despejo. São Paulo: Ática, 1960.

MASSUNO, Elizabeth. Delegacia de Defesa da Mulher: uma resposta à violência de gênero. *In*: BLAY, Eva A. Igualdade de oportunidades para as mulheres. São Paulo, Humanitas, 2002.

MERIQUEI, Vanessa. Isso não é coisa de mulherzinha.2023

MTCHAUD, Yves, A Violência. São Paulo: Ática, 1989.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Entrevista de Kabengele Munanga USP, 2008.p,52

NASCIMENTO, Abdias. Projeto de lei n.º 1332, 1983.

NASCIMENTO, Elaine Cristina Fonseca do. Repressão nas bibliotecas universitárias brasileiras: efeitos do INDEX da Ditadura Militar nos acervos do atual SIBIUFS. 2018. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2018.

NASCIMENTO, Ary Fernando Rodrigues; GOMES, Desaine Cristina. O retrato do racismo no Brasil: 132 anos após a abolição da escravidão. *Revista de Direito da Faculdade Guanambi, Guanambi, v. 8, n. 01, p. 311, jan./jun. 2020.*

NAZARE Lima. Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Unrast Verlag, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/w3ZbQh>. Acesso em: 25 abr. 2024.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. *In*: Anais... Congresso Internacional de Americanistas e na separata relativa ao Symposium Etno-sociológico sobre Comunidades Humanas no Brasil, XXXI. São Paulo, 1955.

QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira. São Paulo; Ática, 1975.

REGINA. Dalcastagnè. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 31, p. 87-110, jan./jun. 2008.*

Revista de artigos científicos dos alunos da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2009. Rio de Janeiro: EMERJ, 2009

RIBEIRO, Djamilia. Conceição Evaristo: Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. *Carta Capital*, 13 maio 2017. Disponível em: <https://goo.gl/ARsknv>. Acesso em: 28 set. 2017.

RIBEIRO, Paulo Silvino. Rousseau e o contrato social. Brasil Escola, 2024, Roda Viva. TV Cultura, 2021

SALLES, Débora dos Santos Pinto. Espaços metamorfoseados em becos de memória: como o processo de erradicação da favela atua sobre os sujeitos da narrativa. 2018.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Portaria nº3037/2022/SEDUC: que implanta as matrizes curriculares unificadas do Novo Ensino Médio nas escolas da rede pública estadual de ensino e orienta o desenvolvimento do currículo nas diferentes modalidades de ensino e formas de oferta dessa etapa. Brasília, 2022.

SILVA, Fernanda Felisberto. Escrivivências na Diáspora. Rio de Janeiro, 2011.

SOUSA, Rayron Lennon Costa; FREITAS, Risoleta Viana dos. A genealogia negro-brasileira contemporânea de autoria feminina na literatura de Conceição Evaristo: tempo, temporalidade e ancestralidade em Olhos d'água (2018).

Revista Criação & Crítica, São Paulo, n. 29, p. 198-217, 20121. ISSN: 1984-1124. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.i29p198-217>, acesso em: 03 abr. 2024.

ROJO, Roxane Helena; MOURA, Eduardo. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Gerson Tenório dos. O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação. In: Kalliope, São Paulo, n. 2, p. 94-111, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: Difel, 2010

COROSSACZ, Valéria. Relatos de branquitude entre um grupo de homens brancos do Rio de Janeiro Revista Crítica de Ciências sociais. Rio de Janeiro, 2014

Luria, A. R., Leontiev, A. N., Vygotsky, L. S A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

YOUNG, Michael. The rise of meritocracy. Bristol: Pelican Books, 1958. Tradução: Mafra Tavares Mendes, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC.

W. E. B. Du Bois no centro: da ciência, do movimento dos direitos civis, ao movimento Black Lives Matter<sup>75</sup>. Tradução; Annahid Burnett. 2018.

Impressão: 15/03/2016 10:10



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO



UPF Campus I - BR 285, São José  
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900  
(54) 3316 7000 - [www.upf.br](http://www.upf.br)

